

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONTÉM AMABILIDADE:

UM ENSAIO SOBRE OS ENTRELUGARES DA RUA SANTA SOFIA, MACEIÓ-AL

PAULA DUQUE RANGEL

MACEIÓ, 2024.

PPGAU
» UFAL
Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

CONTÉM AMABILIDADE:

UM ENSAIO SOBRE OS ENTRELUGARES DA RUA SANTA SOFIA, MACEIÓ-AL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADORA: DÉBORA DE BARROS CAVALCANTI FONSECA

MACEIÓ, 2024.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R196c Rangel, Paula Duque.
Contém amabilidade : um ensaio sobre os entrelugares da rua Santa Sofia,
Maceió-AL / Paula Duque Rangel. – 2024.
110 f. : il. color.

Orientadora: Débora de Barros Cavalcanti Fonseca.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 99-101.
Apêndices: f. 102-110.

1. Entrelugares. 2. Planejamento urbano - Cotidiano. 3. Paisagem urbana -
Maceió (AL). I. Título.

CDU: 711.4(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO -FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

PAULA DUQUE RANGEL

CONTÉM AMABILIDADE:

UM ENSAIO SOBRE OS ENTRELUGARES DA RUA SANTA SOFIA, MACEIÓ-AL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA EM 11 DE MARÇO 2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **DEBORA DE BARROS CAVALCANTI FONSECA**
Data: 27/03/2024 12:23:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROFA. DRA. DÉBORA DE BARROS CAVALCANTI FONSECA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
(ORIENTADORA)

Documento assinado digitalmente
 **WALTER MATIAS LIMA**
Data: 27/03/2024 14:38:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROFA. DRA. JULIANA MICHAELLO MACEDO DIAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
(EXAMINADORA INTERNA)

Documento assinado digitalmente
 **JULIANA MICHAELLO MACEDO DIAS**
Data: 28/03/2024 13:37:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. DR. WALTER MATIAS LIMA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
(EXAMINADOR INTERNO)

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA SANSÃO FONTES**
Data: 27/03/2024 16:55:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. DRA. ADRIANA SANSÃO FONTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
(EXAMINADORA EXTERNA)

Dedico esta dissertação a Patrícia Duque Rangel,
minha irmã e maior incentivadora, por todo amor dedicado.

“Enquanto houver você do outro lado,
aqui do outro eu consigo me orientar.”

Com amabilidade.

agradecimentos

Agradeço a todos que fizeram parte desta jornada acadêmica, que foi marcada por aprendizados e descobertas infinitas.

À minha família, Guaracy, Washington, Patrícia, Pedro, Guilherme e Céu, por serem o porto seguro dessa travessia, agradeço pelo apoio incondicional e por compartilharem comigo cada conquista e cada tropeço, tornando cada passo mais significativo.

Aos amigos, Tuanne, Gabriel, Alexandra, Poliana, Maya, Álvaro, Vinícius, Hedhyliana, Dandara, Rodrigo e Deinha, verdadeiros companheiros de risadas e confidentes nos momentos difíceis, meu sincero agradecimento por estarem ao meu lado, tornando essa jornada muito mais leve e prazerosa.

Aos colegas de trabalho, fonte de desafios e crescimento, agradeço pela oportunidade de aprender e contribuir diariamente para meu desenvolvimento

profissional, agradeço especialmente à Séfora que com toda sua sensibilidade contribuiu significativamente com a parte gráfica deste trabalho.

À minha orientadora, Débora, guia neste percurso acadêmico, meu profundo reconhecimento por sua orientação paciente e conhecimento valioso que ajudaram a estruturar este trabalho.

À banca examinadora, Adriana, Juliana e Walter, pelo rigor e pelas contribuições que enriqueceram meu estudo, expresse meu agradecimento pela avaliação criteriosa.

E, especialmente, à comunidade da Rua Santa Sofia, em nome das pessoas Helena, José e Carla, a contribuição de vocês foi essencial para esta pesquisa, meu sincero agradecimento pela generosidade de abrir suas portas e compartilhar suas histórias, enriquecendo este trabalho com suas experiências e perspectivas valiosas.

Esta travessia e seus atravessamentos não seriam sem vocês. Que este gesto de gratidão possa chegar e perdurar em cada um.

travessia e atravessamentos

Por entre os diversos caminhos que a arquitetura tem me levado, destaco aqui três experiências teórico-práticas desenvolvidas ao longo dessa travessia: os Gestos Urbanos, onde sintetizo no título do meu TFG a formação básica em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, lá onde ocorreu a primeira aproximação com o conceito “amabilidade urbana” e as indagações preliminares sobre a ideia de entrelugar foram traçadas; a PlanUrb e o Iplan, a atuação profissional no setor de Planejamento Urbano junto à Prefeitura Municipal de Maceió, onde pude vivenciar os desafios e as oportunidades de uma gestão pública e principalmente compreender o objeto desta pesquisa que será desdobrado na Parte II deste documento; por último e não menos importante, o Vão Urbano, espaço de criação colaborativa, onde compartilho, com tantos outros, o desejo de planejar futuros urbanos e projetar cidades mais amáveis.

Ressalto que esse caminho nunca foi linear, muito menos retilíneo, e essa travessia e seus atravessamentos compõem de certa forma as entrelinhas de cada página desta pesquisa. Reconheço aqui a importância dessa travessia e como cada experiência em particular atravessa o meu tema e contribui para delinear o meu pensamento. Contudo, apesar das diversas perspectivas, o espaço cotidiano vivido sempre esteve no centro desses atravessamentos, e agora esse tema desperta o desejo de compreender mais profundamente os **entrelugares**, a partir dessas dobraduras e seus desdobramentos, com amabilidade.

Portanto, aproveito esse espaço para registrar, e principalmente para não me deixar esquecer, que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.¹

¹ Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 86.

Com base no conceito de "amabilidade urbana", introduzido por Sansão-Fontes (2011), que se refere a uma qualidade espacial que se manifesta por meio do impacto das intervenções temporárias em espaços coletivos, esta pesquisa parte do pressuposto de que a amabilidade também pode ser manifestada nas dinâmicas cotidianas, por meio dos aqui chamados "entrelugares". A pesquisa adota uma abordagem qualitativa para investigar as interações complexas presentes nesses locais, os quais transcendem categorizações simples e representam pontos de convergência de múltiplas realidades. Os entrelugares são definidos aqui como unidades de paisagem efêmeras, caracterizadas por sua capacidade de diluir fronteiras e promover conexões entre diferentes lugares e pessoas. A análise dos entrelugares considera suas dimensões espaciais, temporais e sociais de forma integrada, examinando desde a arquitetura à disposição dos ambientes livres; perpassando a evolução histórica e as narrativas compartilhadas; até as interações humanas e dinâmicas sociais. A pesquisa destaca a importância dos entrelugares como agentes ativos na configuração urbana, demandando uma mudança de paradigma no campo do planejamento urbano para incorporar sua relevância. A manifestação da amabilidade urbana nos espaços cotidianos é evidenciada por atributos dos entrelugares (liminaridade, transitoriedade e alteridade) que promovem a convivência, integração e coesão social. A análise dos entrelugares contidos na Rua Santa Sofia, situada em Maceió, exemplifica como as práticas cotidianas podem representar oportunidades latentes para manifestação da amabilidade urbana, mesmo diante de condições adversas. A pesquisa propõe uma reflexão sobre a condição dos entrelugares na cidade contemporânea e a possibilidade de vislumbrar um futuro urbano que celebre a diversidade, promova a inclusão social e, sobretudo, crie espaços mais amáveis.

Palavras-chave: Entrelugar; Amabilidade Urbana; Urbanismo Cotidiano; Paisagem Urbana; Maceió.

RESUMO

ABSTRACT

Based on the concept of "urban amiability" introduced by Sansão-Fontes (2011), which refers to a spatial quality manifested through the impact of temporary interventions in collective spaces, this research starts from the premise that amiability can also be manifested in everyday dynamics, through what are here called "in-between places." The research adopts a qualitative approach to investigate the complex interactions present in these locations, which transcend simple categorizations and represent points of convergence of multiple realities. The in-between places are defined here as ephemeral landscape units, characterized by their ability to blur boundaries and promote connections between different places and people. The analysis of in-between places considers their spatial, temporal, and social dimensions in an integrated manner, examining everything from architecture to the arrangement of open spaces; traversing historical evolution and shared narratives; to human interactions and social dynamics. The research highlights the importance of in-between places as active agents in urban configuration, demanding a paradigm shift in urban planning to incorporate their relevance. The manifestation of urban amiability in everyday spaces is evidenced by the attributes of in-between places (liminality, transience, and alterity) that promote coexistence, integration, and social cohesion. The analysis of the in-between places on Santa Sofia Street, located in Maceió, exemplifies how everyday practices can represent latent opportunities for the manifestation of urban amiability, even in adverse conditions. The research proposes a reflection on the condition of in-between places in the contemporary city and the possibility of envisioning an urban future that celebrates diversity, promotes social inclusion, and above all, creates kinder spaces.

Keywords: In-between Place; Urban Amiability; Everyday Urbanism; Urban Landscape; Maceió.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14	CONCLUSÃO	94
PARTE I - DOBRADURAS	21	REFERÊNCIAS	100
Capítulo 1 - PERCURSOS METODOLÓGICOS		APÊNDICE	103
1.1 ESTRUTURA METODOLÓGICA	23		
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25		
Capítulo 2 - PERCURSOS TEÓRICOS			
2.1 A IDEIA DO ENTRELUGAR	29		
2.2 O ESPAÇO AMÁVEL E A NATUREZA DO ENTRELUGAR	39		
2.3 O URBANISMO COTIDIANO	47		
PARTE II - DESDOBRAMENTOS	53		
Capítulo 3 - ESPACIALIDADES			
3.1 A DIMENSÃO ESPACIAL	55		
3.2 EXPLORANDO A ARQUITETURA DOS ENTRELUGARES	61		
Capítulo 4 - TEMPORALIDADES			
4.1 A DIMENSÃO TEMPORAL	68		
4.2 CONTEXTUALIZANDO HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM	73		
Capítulo 5 - SUBJETIVIDADES			
5.1 A DIMENSÃO SOCIAL	82		
5.2 MAPEANDO INTERCONEXÕES E IDENTIDADES	89		

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro fotográfico de um papel em branco dobrado com mãos abertas ao lado, uma síntese gráfica e simbólica da iminência do começo da pesquisa, a introdução.

Figura 2 – Fotografia de maquetes elaboradas como representação e reconhecimento da diversidade de tecidos urbanos, situados respectivamente nos bairros, Vergel, Ponta Verde e Benedito Bentes, na cidade de Maceió - AL. Com destaque para os espaços livres, onde as práticas cotidianas acontecem.

Figura 3 – Fotografia de maquetes elaboradas como representação e reconhecimento da diversidade de tecidos urbanos, situados respectivamente nos bairros, Vergel, Ponta Verde e Benedito Bentes, na cidade de Maceió - AL. Com destaque para os espaços livres, onde as práticas cotidianas acontecem.

Figura 4 – Fotografia de maquetes elaboradas como representação e reconhecimento da diversidade de tecidos urbanos, situados respectivamente nos bairros, Vergel, Ponta Verde e Benedito Bentes, na cidade de Maceió - AL. Com destaque para os espaços livres, onde as práticas cotidianas acontecem.

Figura 5 – Registro fotográfico de um papel em branco sendo dobrado, uma síntese gráfica e simbólica do processo de construção dos percursos metodológicos e teóricos da pesquisa .

Figura 6 – Mapa de localização da Feira do Jacintinho, Favela Mundaú e Praça das Aroeiras, situadas, respectivamente, nos bairros Jacintinho, Vergel e Ponta Verde no território de Maceió - AL.

Figura 7 – Registro fotográfico de práticas cotidianas da Feira do Jacintinho, Maceió. Destaque para a implantação de atividades comerciais por vendedores ambulantes na via. Fonte:

Figura 8 – Registro fotográfico de práticas cotidianas da Orla Lagunar do Vergel, Maceió. Com destaque para ocupação da beira da Laguna Mundaú por pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Figura 9 – Registro fotográfico de práticas cotidianas da Praça das Aroeiras, Ponta Verde, Maceió. Destaque para a atividade de lazer infantil e vendedor ambulante de pipoca. Fonte:

Figura 10 – Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, cadeiras dispostas na calçada.

Figura 11 – Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, a conversa compartilhada na rua.

Figura 12 – Construção da amabilidade.

Figura 13 – Processo de manifestação da amabilidade: a intervenção reformata o espaço e promove conexões.

Figura 14 – Redução do espaço pessoal no momento da intervenção temporária.

Figura 15 – Diagrama representativo das três categorias do espaço (adverso, apropriado e amável), considerando os graus de interação entre os elementos sujeito-espaço-tempo.

Figura 16 – Diagrama representativo das três dimensões da paisagem.

Figura 17 – Diagrama representativo da articulação das dimensões do espaço (espacial, social e temporal) durante o processo de manifestação da amabilidade urbana no entrelugar.

Figura 18 – Registro da manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 19 – Registro da manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 20 – Registro das práticas cotidianas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, brincadeiras na rua, e roupa estendida no varal sobre a calçada.

Figura 21 – Registro das práticas cotidianas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, edificações de uso misto e modais ativos de transportes.

Figura 22 – Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, extensão da fachada da casa para a calçada.

Figura 23 – Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, apropriação do meio-fio da calçada como mobiliário urbano.

Figura 24 – Registro fotográfico de um papel em branco sendo desdobrado, uma síntese gráfica e simbólica do processo de construção dos percursos empíricos da pesquisa.

Figura 25 – Diagrama de aproximação do objeto de estudo, (i) Mapa Maceió (o bairro na cidade), (ii) Mapa Jatiúca (a rua no bairro).

Figura 26 – Mapa esquemático de localização da Rua Santa Sofia, com destaque para o primeiro trecho, entre os desmembramentos Santo Amaro e Santa Fernanda, Jatiúca.

Figuras 27 – Registros fotográficos das plantas aprovadas dos desmembramentos Santa Fernanda e Santo Amaro, Jatiúca.

Figuras 28 – Registros fotográficos das plantas aprovadas dos desmembramentos Santa Fernanda e Santo Amaro, Jatiúca.

Figura 29 – Registro fotográfico da esquina da Rua Santa Sofia, destaque para a sinalização vertical com a denominação e reconhecimento da via pública.

Figura 30 – Registro fotográfico da pesquisadora em visita de campo, representa a relação corpo-território.

Figura 31 – Registro fotográfico da configuração espacial da Rua Santa Sofia, com destaque para a distribuição de fluxos, a faixa central definida como “local de passagem” e as faixas laterais definidas como “local de permanência”.

Figura 32 – Diagrama em planta baixa da dimensão espacial dos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 33 – Diagrama em elevação da dimensão espacial dos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 34 – Registro de manifestação da amabilidade nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 35 – Registro de manifestação da amabilidade nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 36 – Registro fotográfico da Rua Manoel Ribeiro da Rocha, bairro Jatiúca, situada no entorno imediato do objeto de estudo, ressaltam-se as características elencadas: monotonia arquitetônica, privatização dos espaços de convívio, segurança excessiva e a homogeneidade socioeconômica.

Figura 37 – Registro fotográfico de fachada com descarte irregular de resíduos na Rua Santa Sofia.

Figura 38 – Registro fotográfico que representa a interface entre o domínio público e privado, enquanto agente catalisador da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 39 – Registro fotográfico que representa a interface entre o domínio público e privado, enquanto agente catalisador da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

Figura 40 – Mapeamento diurno dos usos cotidianos da Rua Santa Sofia.

Figura 41 – Mapeamento noturno dos usos cotidianos da Rua Santa Sofia.

Figura 42 – Registro fotográfico dos gestos enquanto elemento fundamental na construção das paisagens narradas pelos habitantes da Rua Santa Sofia.

Figura 43 – Fotocolagem representativa do Cenário 1 - Primórdios da Ocupação.

Figura 44 – Fotocolagem representativa do Cenário 2 - Ocupações Rudimentares e Ausência de Infraestrutura.

Figura 45 – Fotocolagem representativa do Cenário 3 - Consolidação da Urbanização.

Figura 46 – Fotocolagem representativa do Cenário 4 - Expansão e Desafios Infraestruturais.

Figura 47 – Fotocolagem representativa do Cenário 5 - Gentrificação e Deslocamento Social.

Figura 48 – Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, varal disposto na fachada.

Figura 49 – Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, criança jogando bola.

Figura 50 – Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, comércio na janela.

Figura 51 – Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, atividade comercial na rua.

Figura 52 – Registro fotográfico de edificação residencial na Rua Santa Sofia com prédio vertical no entorno, em segundo plano.

Figura 53 – Registro fotográfico de fachada com placa de “vende-se” na Rua Santa Sofia.

Figura 54 – Fotocolagem desenvolvida a partir do conteúdo da entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2023 por José Robson em frente a sua casa na Rua Santa Sofia (publicação autorizada).

Figura 55 – Fotocolagem desenvolvida a partir do conteúdo da entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2023 por José Robson em frente a sua casa na Rua Santa Sofia (publicação autorizada).

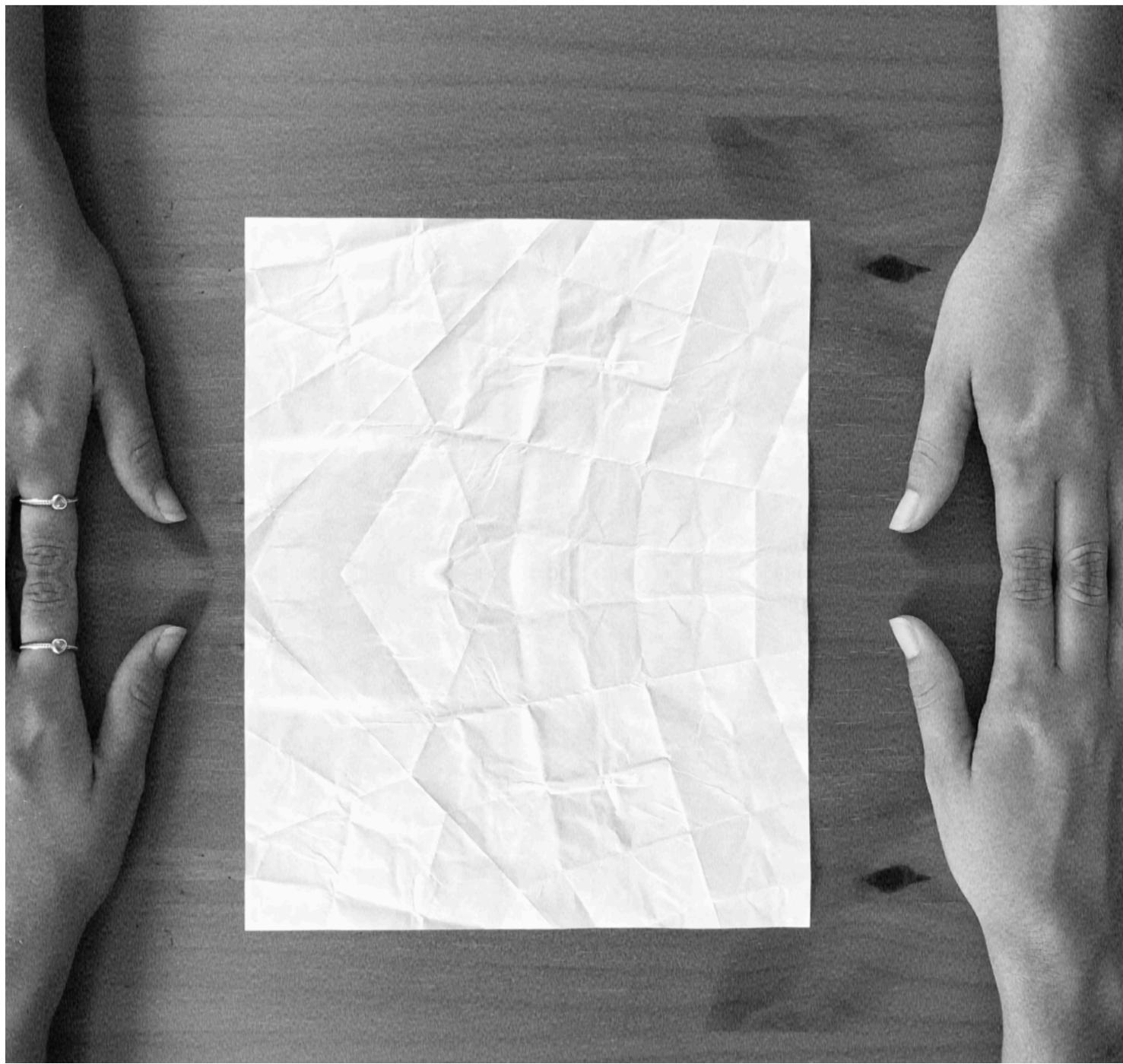
Figura 56 – Fotocolagem desenvolvida a partir do conteúdo da entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2023 por Carla Cristiane em frente a sua casa na Rua Santa Sofia (publicação autorizada).

Figura 57 – Registro fotográfico de um papel em branco dobrado com mãos fechadas ao lado, uma síntese gráfica e simbólica do processo de encerramento desta etapa da pesquisa, a conclusão.

Figura 58 – Quadro síntese dos elementos que compõem o processo de manifestação da amabilidade urbana no entrelugar.

Figura 1: Registro fotográfico de um papel em branco dobrado com mãos abertas ao lado, uma síntese gráfica e simbólica da iminência do começo da pesquisa, a introdução. Fonte: Rangel, 2021.

Fonte: Rangel, 2021.



INTRODUÇÃO

Apesar das experimentações realizadas no campo do urbanismo e dos avanços das legislações urbanísticas e ambientais brasileiras, observa-se uma tendência no modo de produção das cidades contemporâneas, conformadas ora por lugares propensos à sedução pela lógica do espetáculo, ora por não-lugares caracterizados predominantemente pela alienação individualizadora, resultante da velocidade/aceleração um predicado da sociedade contemporânea (Sansão-Fontes, 2011, p. 37). Neste contexto, o **entrelugar** se delineia aqui como uma manifestação resistente, que se desvela nas entrelinhas deste trabalho, emergindo como um sobrevivente diante das condições urbanísticas evidentes.

Esta pesquisa, orientada por uma abordagem analítica, desdobra o conceito de entrelugar, a partir de narrativas afetivas originadas da interação entre pessoas e espaço. A motivação intrínseca a esta investigação emerge de indagações instigadas pelo tensionamento entre os conceitos dicotômicos de lugar antropológico e não-lugar (Augé, 1994), bem como pela percepção da carência destes conceitos, em relação à apreensão dos aspectos da **alteridade**,

transitoriedade e liminaridade² na paisagem urbana. Assim, esta dissertação busca um diálogo interdisciplinar sobre a teoria do entrelugar, cunhado aqui sem hífen, construída a partir de uma miscelânea de definições incorporadas, de diversas áreas do conhecimento.

O termo "entre-lugar" é formado pela junção do prefixo "entre-" e do substantivo "lugar". O prefixo "entre-" indica uma relação de intermediação, meio-termo ou posição intermediária entre duas coisas, enquanto o substantivo "lugar" refere-se a um espaço, local ou posição. Assim, o significado de "entre-lugar" está relacionado a uma posição intermediária entre dois lugares ou espaços. Pode-se entender como um ponto situado entre dois locais distintos, representando um espaço que está entre dois lugares específicos.

Portanto, a justificativa para uso aqui do termo "entrelugar" cunhado junto, sem hífen, fundamenta-se para além do sentido geográfico, utilizado de maneira figurada, para representar uma posição intermediária entre duas situações, ideias ou conceitos. Nesse sentido, pode-se interpretar "entrelugar" como uma zona de

² Os atributos do entrelugar (alteridade, transitoriedade e liminaridade) foram identificados e definidos a partir da experiência empírica deste trabalho (Parte II - Desdobramentos), considerando as práticas cotidianas da Rua Santa Sofia, situado no bairro da Jatiúca, Maceió.

conexão entre dois pontos, que permite a interação e o diálogo entre diferentes perspectivas. Essa grafia foi escolhida pela simplificação da escrita, uma vez que não há ambiguidade ou perda de clareza, e sobretudo, pela necessidade de diferenciar, conceitualmente, esse território próprio de atributos singulares e, não somente caracterizá-lo como um espaço geográfico indefinido, que não é uma coisa, nem é outra.

A partir desta problemática, entende-se que é preciso encontrar maneiras para discutir o espaço vivido em meio às formas de controle da cidade. O conceito de "espaço vivido" foi desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre em sua teoria da produção do espaço. Lefebvre (2000) enfatiza que o espaço não é meramente um contêiner físico, mas uma construção social e cultural, influenciada pelas interações sociais, história e percepções individuais e coletivas.

Conforme Lefebvre (2000), o espaço vivido é moldado pelas experiências subjetivas e vivências cotidianas das pessoas em um determinado lugar, refletindo suas relações sociais, práticas e memórias. O conceito ressalta a importância da subjetividade e da experiência pessoal na compreensão do espaço. Cada indivíduo mantém uma relação única com o espaço vivido, influenciada por sua história

pessoal, emoções e percepções sensoriais. Como observa Lefebvre (2000), essa subjetividade é fundamental para compreender como o espaço é percebido, utilizado e significado pelos habitantes.

Com isso, busca-se, ao decorrer desta pesquisa, formular outras maneiras de interpretar essas experiências e representar tais sujeitos no espaço e no tempo, a partir de manifestações afetivas. Os entrelugares são locais que desafiam as narrativas convencionais, proporcionando alternativas e possibilidades que fogem aos paradigmas estabelecidos pela lógica do espetáculo e da velocidade, promovendo, assim, uma abordagem mais integradora na compreensão da paisagem urbana. Isto posto, a contrapelo do modelo hegemônico de pensar e fazer cidade, essa pesquisa busca reconhecer e revelar os entrelugares, enquanto espaços amáveis na cidade, a partir das dinâmicas cotidianas da Rua Santa Sofia, situada no bairro da Jatiúca, na cidade de Maceió.

Adriana Sansão Fontes (2011, p. 12), em sua tese de Doutorado, define a amabilidade urbana como um atributo espacial, que se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, motivada pela potência das

intervenções temporárias nos espaços coletivos. Ou seja, quando o espaço é submetido a uma intervenção temporária este revela uma qualidade urbana específica denominada amabilidade, opondo-se ao individualismo que, por muitas vezes, caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas (Sansão-Fontes, 2011, p. 12). A partir deste conceito surgiu a questão primária que orientou o desenvolvimento desta pesquisa: como a amabilidade urbana se manifesta na dimensão do cotidiano?

Segundo Sansão-Fontes (2011, p. 240), enquanto a intervenção temporária representa a ruptura positiva do cotidiano, a amabilidade significa a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo. Portanto, a pesquisa parte do pressuposto que a amabilidade, enquanto qualidade urbana dotada de dimensão espacial, também pode ser manifestada nas dinâmicas cotidianas, por meio dos aqui chamados entrelugares. O entrelugar, enquanto unidade de paisagem efêmera, é caracterizado pelos atributos, abrangendo não apenas sua dimensão espacial, mas também as relações sociais e temporais que determinam sua configuração.

Neste panorama, a pesquisa suscita discussões relativas à produção e apropriação dos entrelugares. Tendo em vista a dialética presente entre o espaço concebido e o espaço vivido, faz-se necessário compreender as dinâmicas cotidianas dos entrelugares, em meio aos instrumentos de controle da cidade. E dessa forma perceber, nos entrelugares, o que está acontecendo com os espaços cotidianos, a fim de entender o modo como as pessoas se apropriam da cidade, como elas invertem, trocam, transformam e adjetivam os espaços planejados, os espaços residuais, ou mesmo os espaços vazios (Capelato e Heck; 2016).

Além de se afirmar como uma forma de resistência e de crítica à ideia de empobrecimento da ação urbana e da perda da corporeidade nos espaços públicos, as discussões aqui apresentadas adquirem maior relevância, uma vez que valorizam práticas ordinárias, ações que nas palavras de Certeau (1998), é caminhar e se perder, é experimentar a cidade, sentir seus ritmos, seus entornos, e assim, ter a oportunidade de descobri-la e criar novas conexões com ela. Experiências contra hegemônicas fazem dos espaços cotidianos, locais de visibilidade e de afirmação da diferença. É no sentido de investigar como as dimensões espaciais, temporais e

sociais dos entrelugares se articulam, no processo de manifestação da amabilidade urbana, que esse trabalho se fundamenta.

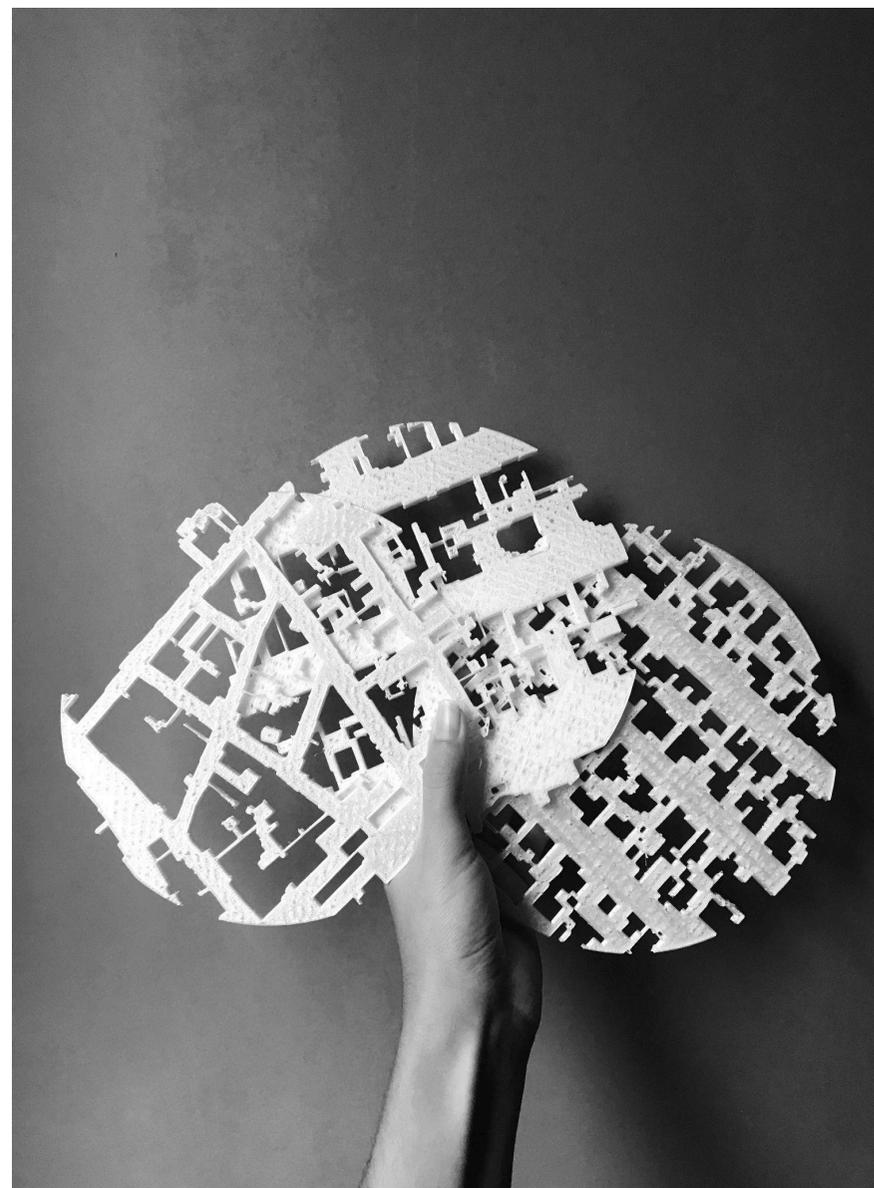
O ato de pesquisar em um determinado campo, muitas vezes, se baseia em estudos anteriores que estabelecem uma base para investigações subsequentes. No entanto, ao abordar o tema do entrelugar, notamos uma lacuna significativa na literatura existente. Apesar dos esforços de busca abrangente, não encontramos estudos prévios que investigaram diretamente o conceito de entrelugar aplicado ao campo do urbanismo. A ausência de trabalhos prévios é notável. Esta dissertação visa, portanto, lançar luz sobre a ideia do entrelugar, fornecendo uma análise que esperamos beneficiar a comunidade acadêmica e demais interessados nesta temática.

Isto posto, este trabalho foi estruturado em duas seções. A primeira seção, Parte I - Dobraduras, consiste na seção que aborda os percursos dessa pesquisa, incluindo os percursos metodológicos (Capítulo 1) e teóricos (Capítulo 2). A segunda seção, Parte II - Desdobramentos, dedica-se à investigação dos processos de manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares na Rua Santa

Sofia, a partir de três dimensões de análise: espacialidades (Capítulo 3), temporalidades (Capítulo 4) e subjetividades (Capítulo 5). E por fim, na Conclusão, serão abordadas as considerações a respeito dos percursos traçados na Parte I, bem como os resultados alcançados e os não alcançados a partir dos ensaios da Parte II, além das contribuições dessa pesquisa para a área do urbanismo e os futuros possíveis dessa discussão.

Figuras 2, 3 e 4: Fotografias de maquetes elaboradas como representação e reconhecimento da diversidade de tecidos urbanos, situados respectivamente nos bairros, Vergel, Ponta Verde e Benedito Bentes, na cidade de Maceió - AL. Com destaque para os espaços livres, onde as práticas cotidianas acontecem.

Fonte: Rangel, 2021.



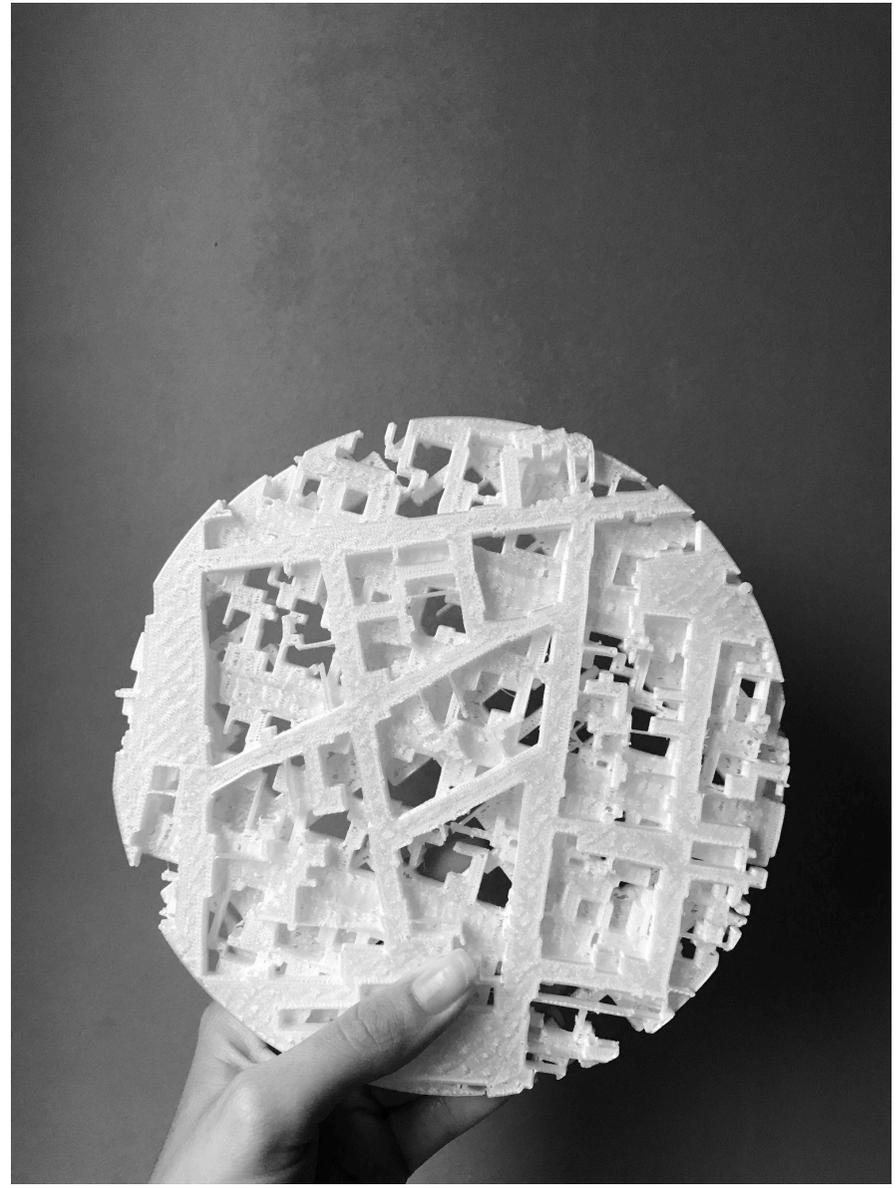
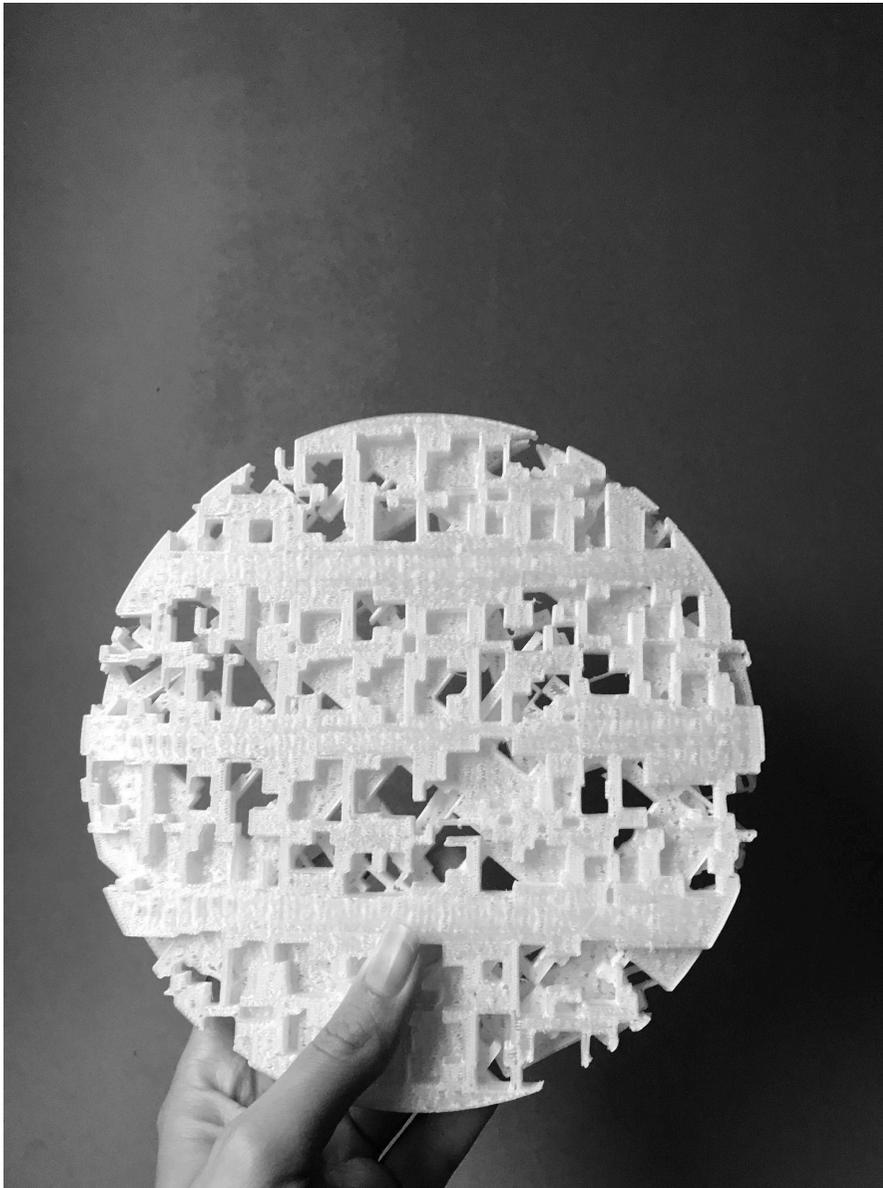




Figura 5: Registro fotográfico de um papel em branco sendo dobrado, uma síntese gráfica e simbólica do processo de construção dos percursos metodológicos e teóricos da pesquisa.

Fonte: Rangel, 2021.

PARTE I

DOBRADURAS

Esta seção dedica-se à exposição dos percursos teóricos e metodológicos responsáveis por assegurar o enfoque das questões teóricas e práticas, explicitando como se sucederam as abordagens e procedimentos no desenvolvimento da pesquisa.

Primeiramente, cabe explicar que a parte prática da pesquisa aborda os entrelugares a partir das dinâmicas cotidianas da Rua Santa Sofia, situada no bairro da Jatiúca, na cidade de Maceió. Considera-se que, por meio de experiências empíricas, é possível contribuir com a construção do conhecimento no campo do urbanismo. As questões estão dispostas nos dois capítulos subsequentes.

O **Capítulo 1** - Percursos Metodológicos está subdividido em duas seções distintas: a primeira trata da estrutura metodológica aplicada, enquanto a segunda trata dos procedimentos metodológicos, utilizados na abordagem empírica do objeto de pesquisa.

O **Capítulo 2** - Percursos Teóricos está subdividido em duas seções, a primeira apresenta a (re)construção do conceito de entrelugar, e a segunda aponta as relações inerentes ao processo de manifestação da amabilidade urbana, a partir de práticas cotidianas.

CAPÍTULO 1

PERCURSOS METODOLÓGICOS

1.1 ESTRUTURA METODOLÓGICA

1.1.1 A PROBLEMÁTICA

O marco zero desta dissertação é o conceito cunhado por Adriana Sansão Fontes em sua tese de Doutorado, no qual ela define a amabilidade urbana como uma qualidade espacial evidenciada por conexões e interações entre pessoas e espaço, impulsionada pelo impacto das intervenções temporárias nos espaços coletivos (Sansão-Fontes, 2011, p. 12). A partir desse conceito fundamental, emergiu a pergunta principal que guiou esta pesquisa: de que forma a amabilidade urbana se manifesta no cotidiano? Assim, parte-se do pressuposto que a amabilidade urbana, enquanto qualidade espacial, também pode ser manifestada nas dinâmicas cotidianas, especialmente nos chamados "entrelugares".

Neste contexto, a pesquisa levanta discussões sobre a produção dos entrelugares e modo como as pessoas se apropriam desses espaços. Dada a interação entre o espaço concebido e o espaço vivido, é crucial compreender as práticas espontâneas desses locais em meio aos mecanismos de controle da cidade. Portanto, a base deste trabalho reside na investigação de como as dimensões espaciais, temporais e sociais dos entrelugares se articulam no processo de manifestação da amabilidade urbana.

1.1.2 AS QUESTÕES CENTRAIS

Durante este percurso, dedicado ao desdobramento do conceito do entrelugar, outras inquietações delinearam a construção desta pesquisa até aqui, são elas:

- a. A amabilidade urbana pode se manifestar a partir das dinâmicas cotidianas?
- b. Como se dá o processo de produção e apropriação desses territórios conceituados como entrelugares?

- c. Como as dimensões espaciais, temporais e sociais dos entrelugares se articulam no processo de manifestação da amabilidade urbana?

Estes foram os primeiros questionamentos que deram origem à pesquisa e que motivaram o entendimento da relação entrelugar – amabilidade urbana, como ponto de partida para a revisão bibliográfica, centrada no momento contemporâneo, a partir da dimensão do cotidiano.

1.1.3 O OBJETO DE ESTUDO

O contexto temporal em que se insere a pesquisa é a contemporaneidade, mais especificamente na perspectiva do cotidiano, a partir da ótica do direito à cidade e da justiça territorial. O contexto espacial da pesquisa, por sua vez, é a cidade de Maceió, Alagoas, situada no nordeste brasileiro, no Sul Global.

O objeto de estudo da dissertação são os entrelugares contidos na Rua Santa Sofia, localizada no bairro da Jatiúca, Maceió. A Rua Santa Sofia foi definida como o objeto empírico desta pesquisa, considerando seu caráter de maior tangibilidade dos atributos dos entrelugares, caracterizada pela ruptura evidente na

dinâmica do tecido urbano do bairro da Jatiúca, com ênfase nas formas de produção e apropriação espontânea do espaço cotidiano pelos habitantes.

A escolha se deu por uma gama de motivos, o aspecto mais relevante é a possibilidade de “contrapor” dois cenários distintos, no que se refere ao controle urbano e social, a Rua Santa Sofia e o seu próprio entorno, o bairro Jatiúca. A Rua Santa Sofia, nesse ínterim, representaria o cenário da “informalidade”, marcado pela apropriação dos espaços públicos à revelia dos planos, enquanto o seu entorno equivaleria ao cenário associado ao ambiente da “formalidade”, ou da eficiência do controle urbano e social.

Uma vez definidos os limites dos objetos e o contexto da pesquisa, apresento a etapa de formulação dos objetivos, a partir do reconhecimento dos entrelugares e a sua relação com o processo de manifestação da amabilidade urbana.

1.1.4 OS OBJETIVOS

O objetivo geral desta dissertação é reconhecer e revelar os entrelugares,

como territórios potenciais para a manifestação da amabilidade urbana, na dimensão do cotidiano.

Os objetivos específicos são:

- a. Contribuir com a teoria do entrelugar enquanto unidade de paisagem urbana, a partir da apreensão das dinâmicas cotidianas;
- b. Identificar o processo de produção e apropriação dos entrelugares da Rua Santa Sofia;
- c. Compreender como as dimensões espacial, temporal e social se articulam no processo de manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de um método teórico-empírico, esta pesquisa busca investigar o processo de manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares, em um contexto de experiência. Por todo o dito, a estratégia metodológica utilizada foi apostar em uma análise qualitativa dos atributos dos entrelugares, a partir da compreensão das dinâmicas cotidianas existentes na Rua Santa Sofia.

Para o melhor entendimento do que faz, ou não, parte da pesquisa, o primeiro passo foi definir o que é entrelugar, essa definição procura dar conta da coerência ao conceito, enquanto terceira categoria do espaço, e não se confunde com a ideia de lugar e/ou não-lugar. Para o desdobramento do conceito de entrelugar foi adotado o procedimento de construir a argumentação teórica da pesquisa, a partir de conceitos relacionados existentes, que foram extraídos da revisão bibliográfica, entre eles: a amabilidade urbana e a dimensão do cotidiano.

O referencial teórico da dissertação foi construído a partir da verificação das questões centrais, onde foram confrontados textos de uma série de pensadores, arquitetos e urbanistas, filósofos e geógrafos, cujos estudos tinham similaridade com o tema desta pesquisa. Uma vez finalizada a etapa teórica da dissertação [Parte I], procede-se à etapa prática da dissertação [Parte II].

Quando da definição da estratégia mais apropriada para o trabalho de campo, decidi pelo método essencialmente qualitativo, envolvendo, para tal, três procedimentos distintos: aproximação (o registro das dinâmicas cotidianas locais);

conexão (as conversas informais e as entrevistas semi-estruturadas com os habitantes); e representação (o discurso gráfico).

1.2.1 A APROXIMAÇÃO

A aproximação, primeiro procedimento metodológico utilizado, compreende a análise sistemática do lugar, de forma a se construir um retrato do objeto empírico. Compreende as incursões à área de estudo em dias e horários distintos, para registro dos aspectos físico-territoriais, por meio de croquis, fotografias e vídeos [*time-lapse*].

As pesquisas documentais têm o objetivo de complementar e/ou aprofundar as informações recolhidas em campo, principalmente no que se refere à apresentação dos contextos territoriais do objeto, à pesquisa histórica e à contextualização no tempo. As fontes das pesquisas documentais consultadas foram livros, periódicos e documentos oficiais. A pesquisa documental foi complementada através de consultas aos arquivos da Diretoria de Informações Geográficas do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da Prefeitura de

Maceió, que contém informações específicas sobre os aspectos legais do território municipal.

1.2.2 A CONEXÃO

A conexão, segundo procedimento metodológico utilizado, foi estabelecida por meio de conversas informais e entrevistas semi-estruturadas com os habitantes, buscando uma maior compreensão da realidade local. As conversas informais foram realizadas de forma espontânea, em dias e horários distintos, considerando a abertura para o diálogo em cada situação de análise da etapa anterior (a aproximação). Já as entrevistas (Apêndice) foram realizadas com três moradores específicos, em um único dia (sábado, no turno vespertino), sendo um homem e duas mulheres, de 45, 60 e 74 anos de idade, respectivamente, buscando entender mais profundamente os atrativos locais, os conflitos existentes, bem como o grau de engajamento da comunidade, e o processo de formação e transformação da paisagem ao longo do tempo. A entrevista foi semi-estruturada a partir das seguintes perguntas:

- a. Qual é o seu nome e quantos anos você tem?
- b. Você mora na Rua Santa Sofia há quanto tempo?
- c. O que faz você gostar de morar aqui?
- d. Por que você escolheu viver aqui?
- e. Como as pessoas se movimentam por aqui?
- f. Como você e seus vizinhos usam os espaços da comunidade?
- g. O que torna esse lugar especial para você?
- h. Quem você acha que mais se identifica aqui?
- i. Tem alguma confusão ou desentendimento entre as pessoas?
- j. Você percebeu alguma mudança desde que chegou aqui?
- k. Se você pudesse, o que mudaria aqui?
- l. O que você gosta tanto que não mudaria de jeito nenhum?
- m. Como as pessoas se tratam por aqui?
- n. Vocês costumam se encontrar ou fazer coisas juntos?

1.2.3 A REPRESENTAÇÃO

A representação, terceiro procedimento metodológico utilizado, compreende o discurso gráfico da pesquisa, considerada parte importante desta dissertação. É uma ferramenta interpretativa, utilizada de forma a auxiliar na compreensão do território, suas dinâmicas e conexões. O discurso gráfico apresentado pela dissertação articula instrumentos, como fotocolagem, diagramas, mapas, croquis e fotografias interpretadas, visando destacar diferentes aspectos relativos aos casos. Terminado o detalhamento dos percursos metodológicos, é chegada a hora da apresentação dos percursos teóricos no capítulo subsequente.

CAPÍTULO 2

PERCURSOS TEÓRICOS

2.1 A IDEIA DO ENTRELUGAR

A vida reside, habita, mora, aloja-se, não consegue passar sem um lugar. Dir-se-ia que ela desenha e codifica a sua definição; entendo por esta última palavra aquilo que dela diz a sua etimologia: a atribuição de limites ou de fronteiras, abertas ou fechadas [...].
(Serres, 1994, p. 39-41)

Por definição, conforme Castrogiovanni (2007), lugar é uma parcela do espaço apropriada da vida, o qual possui identidades, portanto, é um produto humano (re)produzido na relação entre espaço/sociedade, entre indivíduo/grupo; já o não-lugar é a ausência do lugar em si, uma vez que os sujeitos não-locais não detêm a prerrogativa de circunscrever e constituir os elementos do lugar; a seu modo, o entre-lugar, cujo caráter é temporal, tem o papel de aproximar o significante do lugar, e sua representação se dá a partir da capacidade dos sujeitos estabelecerem relações entre seu lugar e o lugar do outro.

Neste sentido, a partir de uma análise geográfica, Castrogiovanni (2007) estabelece a existência de três categorias espaciais, considerando o processo de deslocamento identitário do sujeito: o lugar, o não-lugar e o entre-lugar. Dessa forma, pode-se compreender que a noção de lugar, não-lugar e entre-lugar se relaciona, diretamente, com as experiências e vivências humanas no espaço e na sociedade, e é um elemento fundamental na construção de identidades individuais e coletivas. Assim, esta seção propõe estabelecer um diálogo interdisciplinar sobre essa terceira categoria espacial, o entrelugar.

A ideia do entrelugar é frequentemente utilizada na literatura e nas ciências humanas, para descrever espaços intermediários ou liminares, que estão entre, ou além, dos limites definidos por categorias ou identidades sociais fixas, e que desafiam e/ou são formados pela tensão entre elas. A seguir, apresento alguns dos principais autores que têm contribuído para a compreensão desse conceito.

Homi Bhabha (2010), autor indiano dedicado à constituição do Pensamento Pós-colonial, assim definido, pela atenção que dedica às expressões que se produziram, à margem de um conhecimento hegemônico, acerca dos procedimentos civilizatórios colonizadores, em seu livro "O Local da Cultura", utiliza

o termo "entre-lugar" para se referir aos espaços intermediários, onde as identidades culturais se encontram e se transformam. Ele argumenta que esses espaços são cruciais para a construção de uma identidade híbrida, que não é totalmente "ocidental" ou "oriental", mas uma mistura dos dois. Homi Bhabha (2010) articula o conceito de comunidade contrapondo a ideia de homogeneidade, identidade e linearidade.

O autor fala de uma "solidariedade afiliativa" para pensar comunidade como uma "leitura minoritária", inserindo o elemento da subversão com vistas a perturbar uma ordem estabelecida. Essas experiências minoritárias, esse espaço da contestação, que emerge dos entre-lugares, podem ser estabelecidas de forma consensual ou conflituosa. As fronteiras são sobrepostas e fluidas, de modo que os conflitos e os traços diacríticos da cultura não desaparecem, mas são condições da própria cultura. Nesse sentido, os movimentos de diferenciação, os antagonismos e os conflitos são elementos constitutivos dos próprios modos de habitar (BHABHA, 2010). Os modos de ver das minorias, dos grupos, encontram-se nas fronteiras, nos "entre-lugares", são por si só contraditórios, diante das visões hegemônicas. Aprender a ver do ponto de vista do outro, essa visão dupla, possibilita questionar

as visões construídas, acrescentando outras perspectivas como forma de revisualizar o mundo, e produzir enfrentamentos e resistências aos mundos organizados por eixos de dominação.

Edward Soja (1996), geógrafo americano, em seu livro *"Thirdspace"*, propõe a ideia de que o espaço não é uma entidade fixa e estática, mas sim uma construção social dinâmica. Ele argumenta que o espaço é composto por múltiplas camadas de significado e que os "entre-lugares" são espaços de possibilidade e resistência, onde novas formas de identidade e cultura podem emergir.

Neil Brenner (2004), urbanista americano, em seu livro *"New State Spaces"*, argumenta que a globalização transformou profundamente a estrutura do espaço urbano, criando novos "entre-lugares" que desafiam as fronteiras nacionais e culturais. Ele propõe uma abordagem crítica do urbanismo, que leve em conta as complexas interações entre os diferentes níveis de escala, e as forças sociais, políticas e econômicas que moldam o espaço urbano.

Marc Augé (1994), antropólogo francês, em seu livro *"Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade"*, argumenta que a globalização tem criado uma homogeneização do espaço urbano, que leva à perda

de identidade e sentido de pertencimento. Ele propõe a ideia de que os "entre-lugares" são espaços de resistência e criatividade, que desafiam a uniformização do espaço urbano.

Dentre os principais autores brasileiros que abordam a ideia de entrelugar, podemos destacar Silvano Santiago, Eduardo Viveiros de Castro, Lélia Gonzalez e Heloísa Buarque de Hollanda. Cada um desses autores aborda o conceito em diferentes contextos e com diferentes enfoques.

Silvano Santiago (1989), autor de *"O entre-lugar do discurso latino-americano"*, um ensaio sobre esse conceito a partir da literatura latino-americana, por exemplo, utiliza o termo para descrever a condição da literatura latino-americana, em relação às tradições literárias europeias e americanas. Eduardo Viveiros de Castro (2002), antropólogo, também utiliza o conceito de entrelugar em sua análise da cultura indígena brasileira e da relação entre os povos indígenas e a sociedade brasileira. Lélia Gonzalez (1984), teórica e ativista negra, utiliza o mesmo conceito para descrever a experiência negra no Brasil e a relação entre a cultura negra e a cultura dominante. Heloísa Teixeira (2001), crítica literária e teórica cultural, utiliza do conceito em sua análise da

cultura brasileira contemporânea, e da relação entre a cultura brasileira e a cultura global.

Esses autores são apenas alguns exemplos de escritores e teóricos brasileiros que abordam a ideia do "entrelugar". Esse panorama geral possui fundamental importância para o desenvolvimento das partes subsequentes deste trabalho. Uma revisão integrativa sobre o assunto, poderia incluir uma análise mais aprofundada das suas obras, bem como a inclusão de outros autores que também utilizam o conceito. No entanto, vale ressaltar, que esse aprofundamento não faz parte do escopo deste trabalho.

Em suma, a ideia de entrelugar é abordada por diversos autores brasileiros para descrever espaços intermediários e liminares. Os autores que utilizam esse conceito o fazem em diferentes contextos e com diferentes enfoques, mas, em geral, concordam que o entrelugar é um espaço de resistência e potência. O entrelugar é, muitas vezes, visto como um espaço fértil para a produção cultural e intelectual, que pode permitir a criação de novas formas de identidade e de pensamento crítico.

Para além do que já foi mencionado anteriormente, o escritor brasileiro

Guimarães Rosa (1946) em seu conto "A terceira margem do rio", um homem reclusa-se em uma canoa e passa a viver no rio, habitando em uma terceira margem imaginária que se materializa somente pelo seu ir e vir no meio das águas. Assim, em sua obra Guimarães Rosa se constrói e desconstrói num entrelugar, ou seja, num lugar que se desloca constantemente. Em última instância, o que caracteriza o entrelugar nessa narrativa é o trânsito: a travessia. "Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia" (Rosa, 1986, p. 60).

Nesse sentido, o discurso construído aqui, deverá ser um saber fundado nessa condição territorial de liminaridade, é o estado de estar entre, fronteira, de hibridismo, de espaço intermediário, de terceira margem do espaço. Tendo essa perspectiva como parâmetro, vamos aqui dialogar sobre essa diversidade de relações territorializáveis, a partir da construção de um outro conceito de entrelugar.

Essa perspectiva surgiu, a partir das reflexões sobre as concepções predominantes no campo do urbanismo, que tendem a privilegiar as dicotomias do espaço urbano. Portanto, busca-se superar as dicotomias tradicionais da cidade,

Feira do Jacintinho (Figura 7), situada na Rua São José, bairro Jacintinho, é um espaço urbano dinâmico e multifuncional, onde ocorrem práticas cotidianas que promovem conexões entre as pessoas. Ou seja, um exemplo de lugar, que contém entrelugares, no contexto da cidade de Maceió. Durante o período de funcionamento da feira, a rua se transforma em um centro de atividade comercial e de serviço, com vendedores ambulantes montando suas barracas temporárias e exibindo uma variedade de produtos. Esses vendedores frequentemente empregam táticas para atrair clientes, como chamadas vocais, exibição visual e preços competitivos.

Além de servir como local de comércio, esse espaço se torna um lugar de encontro e interação social para a comunidade local. Residentes frequentam a feira não apenas para comprar mercadorias, mas também para se encontrar com amigos, vizinhos e conhecidos. As práticas cotidianas observadas nesse contexto incluem a adaptação flexível do espaço público para acomodar as necessidades da feira temporária. Essas práticas adaptativas refletem as diversas formas de apropriação temporária que ocorrem ao longo da rua, transformando-a em um ambiente de troca vibrante.

Figura 7: Registro fotográfico de práticas cotidianas da Feira do Jacintinho, com destaque para a implantação de atividades comerciais por vendedores ambulantes na via pública.

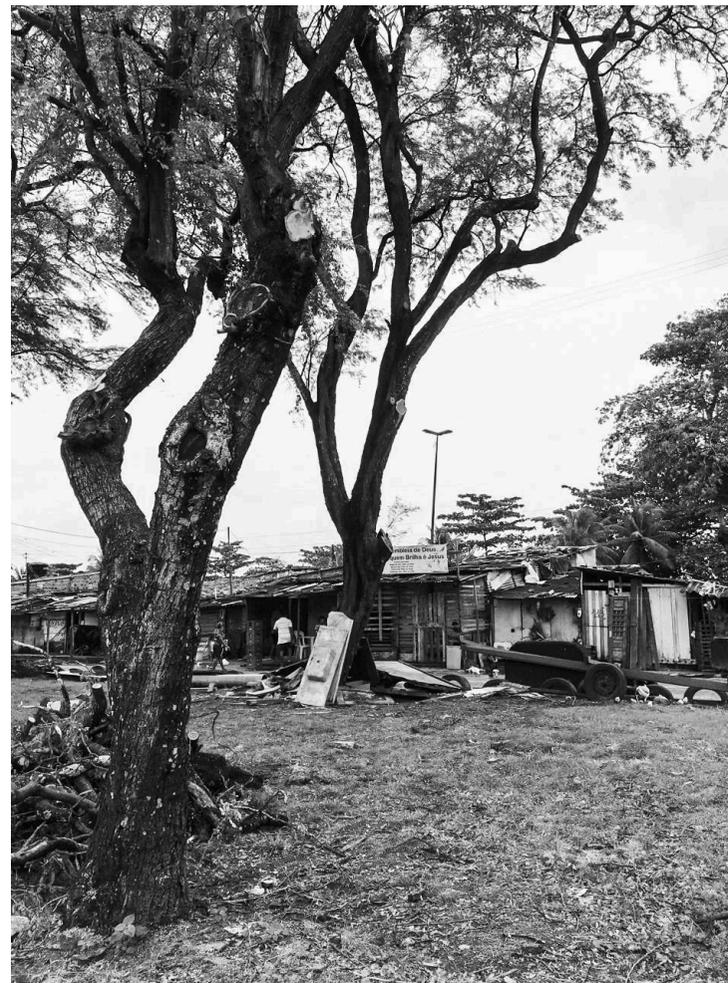
Fonte: Rangel, 2023.



A Orla Lagunar (Figura 8), situada no bairro do Vergel, é caracterizada pelo contraste entre o potencial ambiental e paisagístico da Laguna Mundaú e a precariedade da ocupação por moradia em áreas de risco. A Favela Mundaú representa um lugar onde as atividades cotidianas são essenciais para a sobrevivência e adaptação das pessoas às condições sociais e ambientais desafiadoras. Nesse contexto, os moradores desenvolvem táticas adaptativas para lidar com os riscos associados à localização próxima ao corpo d'água, como inundações sazonais, instabilidade do terreno, entre outras adversidades.

As atividades cotidianas incluem a construção de habitações improvisadas e a implementação de medidas de proteção, como barreiras físicas contra a água e o uso criativo de materiais locais. Os moradores também desenvolvem redes sociais e colaborativas para compartilhar informações e recursos em tempos de crise. A ocupação por moradia em uma área de risco representa a resiliência e a criatividade dessas comunidades, e revela, diariamente, a negligência do poder público em garantir o direito à cidade. Isto posto, os entrelugares contidos na Orla Lagunar, mais especificamente na Favela Mundaú, são identificados como espaços amáveis na cidade de Maceió.

Figura 8: Registro fotográfico de práticas cotidianas da Favela Mundaú, com destaque para ocupação por moradia na beira da Laguna Mundaú por pessoas em situação de vulnerabilidade social. Fonte: Rangel, 2023.



A Praça das Aroeiras (Figura 9), situada no bairro da Ponta Verde, é um local onde uma diversidade de atividades se desenvolve ao longo do dia, incluindo o uso por pessoas de todas as faixas etárias (crianças, jovens adultos e idosos). Entre elas destaca-se o uso predominante das atividades físicas, comerciais e desportivas, sobretudo as atividades culturais e de lazer para crianças, no período do fim da tarde. Nesse contexto, é possível reconhecer a Praça das Aroeiras como um espaço amável, o lugar se torna um ponto de convergência de pessoas e atividades, sendo dotada de apropriações espontâneas, que transformam o lugar e promovem conexões entre as pessoas, por meio das práticas cotidianas.

As práticas cotidianas observadas incluem a ocupação tática do ambulante neste local, onde as crianças utilizam o espaço para brincar e socializar, enquanto o vendedor de pipoca estabelece suas operações comerciais. A presença do vendedor de pipoca adiciona uma camada de atratividade e cria uma atmosfera animada e acolhedora ao local, incentivando conversas informais entre os frequentadores. Além das atividades comerciais, a praça se torna um local de interação social, onde crianças e adultos compartilham experiências e estabelecem vínculos afetivos.

Figura 9: Registro fotográfico de práticas cotidianas da Praça das Aroeiras, com destaque para a atividade de lazer infantil e vendedor ambulante de pipoca.

Fonte: Rangel, 2023.



De acordo com a definição de Ferraz (2010), o entrelugar é um espaço construído no cotidiano da própria vivência das pessoas, é, portanto, cheio de história, de marcas, que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado, a compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento.

O entre-lugar, portanto, é um conceito que aponta para um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, ou seja, ao mesmo tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima. É local daqueles que estão de passagem e em movimento, buscando os afetos e as razões para se enraizar e permanecer. É lugar de estranhamento e ao mesmo tempo potencializador de identidades. É onde se manifesta de forma mais dinâmica a diversidade de idéias e valores, por isso é propulsor de unidades de posturas. É o lugar cujo horizonte sempre está mais além e aquém, mas é também onde o vazio de significados cobra o estabelecimento de sentidos possíveis. É sombra e luz e algo mais. (Ferraz, 2010. p. 30)

Os entrelugares são potenciais para a inovação e a criatividade, em termos de desenho urbano e planejamento, e podem ser usados para promover o desenvolvimento comunitário e a inclusão social. Esses entrelugares são moldados por forças econômicas, políticas e sociais mais amplas e, geralmente, se

concentram nas áreas da cidade que são negligenciadas ou subvalorizadas, onde diferentes culturas e grupos sociais se encontram e interagem. No entanto, também podem ocorrer em territórios valorizados, caracterizados pela resistência em permanecer como um contraponto na paisagem urbana.

Para fins dessa pesquisa, os entrelugares são territórios que sugerem transitividades, mediações, disputas e conflitos. Onde a vida urbana acontece, em suas complexidades e contradições. Portanto, o entrelugar é aqui definido como unidade de paisagem efêmera, caracterizada por sua capacidade de diluir fronteiras e promover conexões entre diferentes lugares e pessoas.

A ideia de unidade de paisagem refere-se a uma área urbana específica onde há semelhança nos padrões de uso e ocupação, em termos de sua composição da paisagem, como o desenho das ruas, a arquitetura das edificações, o arranjo dos lotes, a topografia, as atividades cotidianas, entre outros elementos, que a caracterizam como uma entidade distinta. Portanto, a unidade de paisagem de natureza multidimensional (espacial, temporal e social) assume aqui um caráter efêmero, visando apreender também as dinâmicas de transformação do território. É

importante ressaltar, que cada unidade de paisagem é singular. No entanto, é plausível considerar a existência de diferentes "tipos" de unidades de paisagem.

De acordo com Silva (2013, p. 92), o processo de identificar áreas com características similares pode variar de acordo com o contexto geográfico, social, econômico e político em que ocorrem. Identificar as unidades de paisagem tem como objetivo reconhecer as distintas características, desafios e potenciais específicos de cada uma delas. O elemento tempo é crucial para entender as mudanças na paisagem urbana, assim como identificar os fatores que impulsionam essas transformações, a análise dessas unidades permite compreender a configuração urbana e identificar as contradições e os resultados espaciais das disputas sociais (Silva, 2013, p. 92).

O entrelugar representa o espaço cotidiano onde a amabilidade urbana se manifesta. Desta forma, nossa análise se concentra em compreender as nuances desses entrelugares, explorando práticas cotidianas dentro do contexto da cidade de Maceió, mais especificamente no recorte da Rua Santa Sofia (Figuras 10 e 11).



Figura 10: Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, cadeiras dispostas na calçada.

Fonte: Rangel, 2023.

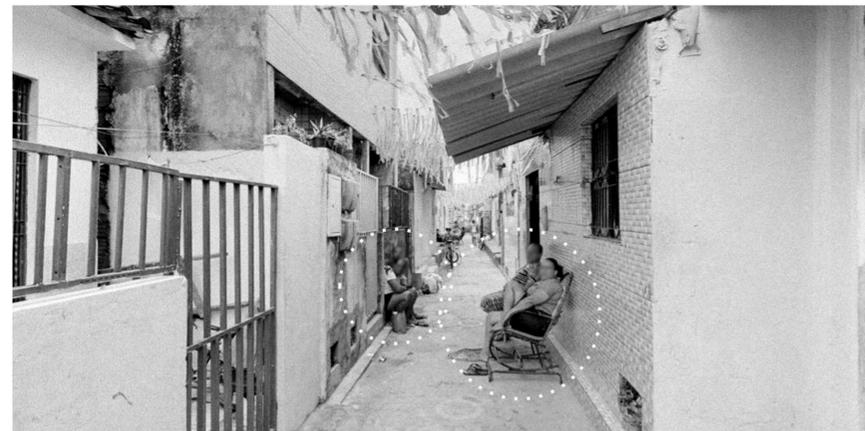


Figura 11: Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, a conversa compartilhada na rua.

Fonte: Rangel, 2023.

2.2 O ESPAÇO AMÁVEL E A NATUREZA DO ENTRELUGAR

Amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a “proximidade” e a “abertura”, seja em seu uso corrente, seja aplicada aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-la: a **amabilidade urbana**. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas (Sansão-Fontes, 2011, p. 12).

A expressão “amabilidade urbana” é usada para descrever a qualidade das interações sociais nas cidades, especialmente aquelas que envolvem o uso compartilhado dos espaços públicos. Alguns dos principais autores que abordam esse tema incluem William H. Whyte - autor de *“The Social Life of Small Urban Spaces”* (1980), um estudo sobre a interação social e o uso dos espaços públicos nas cidades; Jane Jacobs - autora de *“The Death and Life of Great American Cities”* (1961), que supera a segregação modernista e argumenta que a vitalidade urbana está diretamente relacionada à qualidade das interações sociais nos espaços públicos; e Jan Gehl - autor de *“Life Between Buildings: Using Public Space”* (1971)

e *“Cities for People”* (2010) enfatiza a importância de projetar espaços públicos que incentivem a diversidade de atividades, e ofereçam vida às ruas, a cidade como lugar de encontro.

Sansão-Fontes, em sua tese intitulada “Intervenções Temporárias Marcas Permanentes: A Amabilidade nos Espaços Coletivos de Nossas Cidades” (2011), propõe uma reflexão sobre as intervenções temporárias contemporâneas, como forma de transformação positiva dos lugares. A autora destaca a amabilidade como um atributo espacial, que se manifesta por meio das conexões e interações entre pessoas e espaço, contrapondo-se ao individualismo prevalente, nas formas de convívio coletivo contemporâneas.

A autora considera “a amabilidade como a qualidade urbana que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre este espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam, demonstrando que a mesma surge da articulação entre as dimensões física, temporal e social.” (Sansão-Fontes, 2011, p. 17).

Alicerçando sua argumentação na ideia de intervenções temporárias, a autora as define como ações que ocorrem no âmbito do transitório, do pequeno, envolvendo relações sociais, participação, ação, interação e subversão. Ela destaca a importância dessas intervenções em oposição aos projetos standardizados, caros, permanentes e de grande escala, representados pelo conceito de "grande evento". Apresenta a perspectiva dessas intervenções como momentos de ruptura, capazes de revelar as possibilidades transformadoras do cotidiano. Por outro lado, Sansão-Fontes (2011) explora a efemeridade como característica fundamental dessas intervenções temporárias, associando-as à aceleração da vida contemporânea. A efemeridade é interpretada como expressão da leveza que permeia a existência humana, configurando-se como uma válvula de escape para o indivíduo (Sansão-Fontes, 2011, p. 38).

Sansão-Fontes (2011) discute o conceito de amabilidade urbana como uma nova forma de compreender o espaço, derivada das intervenções temporárias nos espaços coletivos. A autora destaca a importância de ancorar esse conceito no espaço físico da cidade contemporânea, ressaltando a construção da amabilidade

como legado das intervenções temporárias, explora como a amabilidade influencia a qualidade do ambiente de intervenção. Isso se manifesta quando a interação entre indivíduos resulta na diminuição da distância pessoal habitual, criando uma atmosfera de intimidade no local, proporcionando novas perspectivas e experiências urbanas aos seus usuários (Figura 12). "É este o momento da manifestação da amabilidade, quando o espaço físico se transforma em espaço social na ocorrência da intervenção. Cabe ressaltar que o espaço, com suas características atraentes, está no comando, pois sem ele não se torna real a possibilidade de intervenção" (Sansão-Fontes, 2011, p. 13).

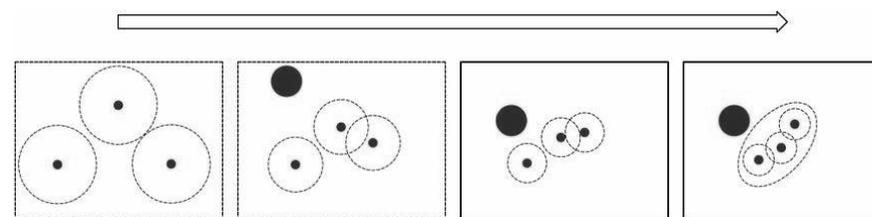


Figura 12: Construção da amabilidade.

Fonte: Sansão-Fontes, 2011, p. 21.

A abordagem adotada pela autora é relevante ao destacar a amabilidade urbana como um fenômeno emergente, e passível de ser promovido por intervenções temporárias. Além disso, oferece uma contribuição significativa ao

debate sobre a amabilidade urbana e as intervenções temporárias nos espaços públicos, fornecendo uma base teórica sólida e estimulando a reflexão sobre a configuração dos espaços urbanos contemporâneos. Sendo assim, de acordo com a autora (Figura 13),

A possibilidade da amabilidade se transforma em uma situação real quando ocorre sobre o espaço potencialmente atraente uma intervenção temporária bem sucedida, tornando-o um espaço amável. O espaço deixa de ser um 'objeto' quando ocorre algo que o transforma em um espaço habitado, que passa a fazer parte da memória coletiva do lugar (Sansão-Fontes, 2011, p. 13).



Figura 13: Processo de manifestação da amabilidade: a intervenção reformata o espaço e promove conexões.

Fonte: Sansão-Fontes, 2011, p. 15.

O potencial atrativo de um espaço é complexo e não pode ser rigidamente definido por categorias fixas. A atratividade de um espaço está intrinsecamente ligada à sua capacidade de servir a determinados propósitos ou indivíduos,

refletindo uma forma de apropriação, com o intuito de alcançar objetivos específicos. Assim, os atributos que tornam um espaço potencialmente atraente para intervenções temporárias, devem ser identificados empiricamente pelos agentes envolvidos nesse contexto (Sansão-Fontes, 2011).

Segundo Sansão-Fontes (2011, p. 16), a triangulação é relacionada à amabilidade, onde estímulos externos facilitam a interação entre estranhos. Essa interação é fundamental para a qualidade urbana de espaços públicos. A intervenção temporária pode desencadear a triangulação, aproximando pessoas, vitalizando espaços e gerando um ciclo autoalimentado de amabilidade. A autora destaca que o espaço pessoal nas interações públicas é influenciado pelas atividades das pessoas. A amabilidade exige um espaço coletivo atraente, intervenção temporária e triangulação entre pessoas, reduzindo a distância pessoal cotidiana (Figura 14).

Logo, a amabilidade urbana, em sua essência, pode ser compreendida como uma qualidade intrínseca dos entrelugares, espaços cotidianos que potencializam a conexão entre os sujeitos. Essa perspectiva aborda, tanto o aspecto

conceitual, quanto a aplicação prática desse fenômeno, a partir de práticas cotidianas.

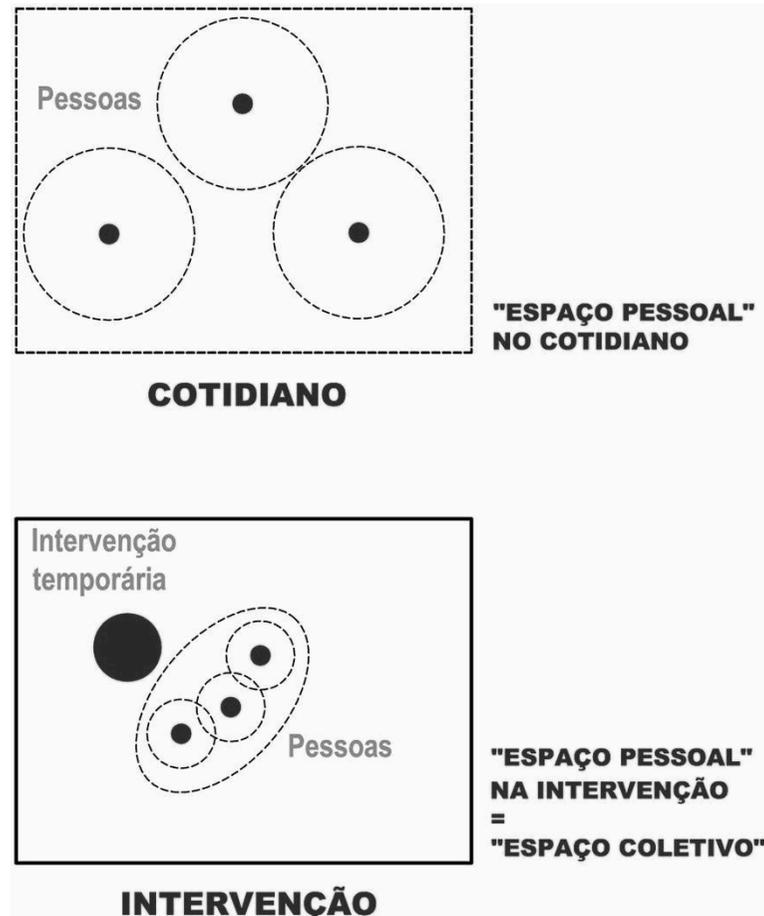


Figura 14: Redução do espaço pessoal no momento da intervenção temporária.

Fonte: Sansão-Fontes, 2011, p. 17

Vivemos este tempo de paradoxos, onde a aceleração contemporânea é, também, o resultado da banalização da invenção, pela sensação de um presente que foge, onde o efêmero não pode se basear unicamente na ideia de velocidade. O espaço urbano é esse teatro de fluxos repleto de multiplicidades, intensidades e orientações, contudo, há décadas, um emaranhado de ações e objetos construídos nas cidades, vem sendo orquestrado por dinâmicas hegemônicas (Santos, 2006). Tais dinâmicas conseguem ter acesso e controle de todos os circuitos e territórios, deixando sempre uma parcela da população fora de suas equações, uma situação que reforça tensões e resulta na criação e perpetuação de várias desigualdades. Portanto, esta pesquisa considera os diversos acontecimentos que se misturam e transcorrem no cotidiano da cidade.

De acordo com Milton Santos, é pelo conteúdo geográfico do cotidiano que poderemos, talvez, contribuir para a necessária teorização dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, que é um componente

fundamental do espaço, uma estrutura de controle da ação, um limite ou um convite à ação (Santos, 2006).

Considerando a definição de espaço como “reunião dialética de fixos e fluxos; o espaço é o conjunto do contraditório, formado por uma configuração territorial e por relações de produção, relações sociais” (Santos, 2013, p. 105). É nesse sentido que surgem as multiplicidades infinitas de perspectivas, o espaço não é visto apenas como materialidade, mas sobretudo, como “teatro obrigatório da ação” e é a partir da ação (política) que a materialidade ganha sentido.

Santos (2006, p. 121) admite que “Os fixos e fluxos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a Geografia”. Ou seja, os fixos e fluxos retratam a realidade, acentuando as singularidades e semelhanças dos espaços na análise geográfica. Isto significa que a cidade na qual vivemos é resultado de uma série de decisões e ações para formar e transformar o meio urbano. E se analisarmos, hoje, podemos concluir que aquelas decisões e ações são, muitas vezes, distanciadas da consciência e da aprovação do coletivo urbano.

Nesse contexto, faz-se necessária a retomada da análise geográfica do espaço elaborada por Castrogiovanni (2007), que ressalta a identificação de três categorias espaciais fundamentais, as quais são intrinsecamente vinculadas ao processo de deslocamento identitário do sujeito: o lugar, o não-lugar e o entre-lugar. Desta maneira, torna-se possível compreender que essa categorização mantém uma relação direta, com as experiências e vivências dos sujeitos no âmbito espacial e temporal, constituindo elementos fundamentais na composição da paisagem urbana.

Portanto, considerando a lógica da composição da paisagem urbana e o grau de interação entre os elementos espaço-sujeito-tempo, elencamos aqui três categorias distintas do espaço (Figura 15):

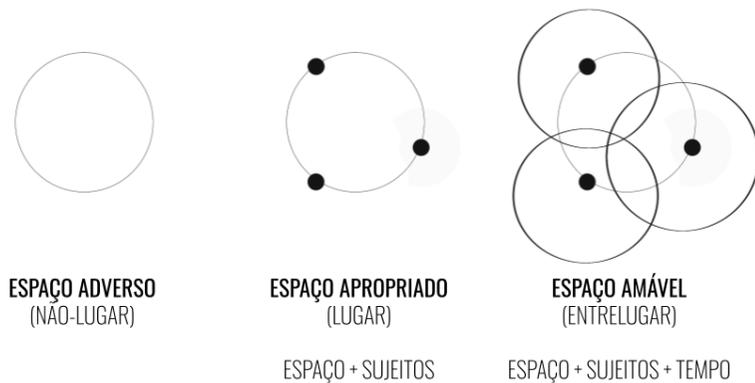


Figura 15: Diagrama representativo das três categorias do espaço (adverso, apropriado e amável), considerando os graus de grau de interação entre os elementos sujeito-espaço- tempo.
Fonte: Rangel, 2024.

1. **Espaço Adverso:** É o não-lugar, definido pela ausência de características distintivas associadas a um espaço específico, onde os sujeitos não possuem a capacidade de delimitar e contribuir para os elementos constituintes de um lugar. Tem como características a falta de identidade própria, e a presença de indivíduos não-locais e representa espaços desprovidos de significado cultural ou social.
2. **Espaço Apropriado:** É o lugar propriamente dito, ou seja uma porção específica do espaço geográfico, social e cultural, que é apropriada e

significada pelos sujeitos. Possui identidade distinta, resulta da interação entre espaço e sociedade, assim como entre indivíduo e grupo, e reflete a (re)produção contínua por meio das relações entre seus elementos constituintes.

3. **Espaço Amável:** É o entrelugar aqui definido, ou seja uma unidade de paisagem efêmera contida em um espaço apropriado. Sobretudo, pela capacidade de aproximar os sujeitos, promovendo a conexão entre eles, e sua representação depende da habilidade dos sujeitos, em estabelecerem relações, entre seus lugares individuais e o lugar do outro.

Isto posto, entende-se que os entrelugares estão contidos nos lugares, como uma espécie de camada superposta, mas nem todo lugar contém entrelugares, ou seja, espaços amáveis. Portanto, a condição básica para a existência do espaço amável é necessariamente a preexistência de um espaço apropriado. Desta forma, podemos concluir que os espaços amáveis são espaços apropriados, que articulam simultaneamente as três dimensões da paisagem, espacial, social e temporal (Figura 16).

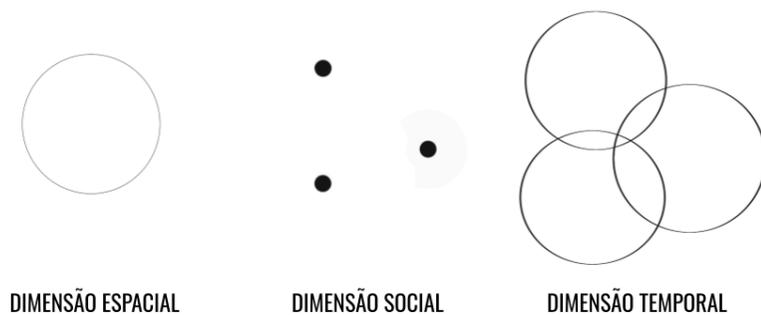


Figura 16: Diagrama representativo das três dimensões da paisagem.
Fonte: Rangel, 2024.

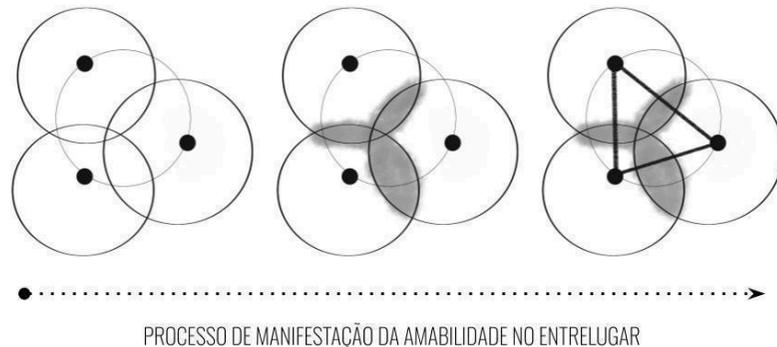


Figura 17: Diagrama representativo da articulação das dimensões da paisagem (espacial, social e temporal) durante o processo de manifestação da amabilidade urbana no entrelugar.
Fonte: Rangel, 2024.

Portanto, ao considerar a amabilidade enquanto fenômeno urbano que articula as dimensões espacial, social e temporal do espaço (Figura 17), a perspectiva desta pesquisa é investigar como a amabilidade urbana se manifesta no cotidiano. Tendo em vista que o diferencial do espaço apropriado para o espaço amável é a capacidade que este último tem em articular simultaneamente os atributos-chaves do entrelugar, quais sejam: liminaridade, alteridade e transitoriedade.

O atributo da liminaridade do entrelugar é evidenciada pela sua natureza de transgressão de fronteiras convencionais, tanto físicas quanto simbólicas. Este espaço proporciona interações e conexões entre sujeitos de diferentes origens, desafiando assim as normas e limites estabelecidos. Através da liminaridade, o entrelugar se torna um ponto de encontro dinâmico, no qual a experiência de transitar entre diferentes espaços e identidades é fundamental para sua definição.

A transitoriedade é outro atributo distintivo do entrelugar, refletindo sua natureza efêmera e dinâmica. Esse espaço existe temporariamente no momento da interação entre sujeitos e desaparece com sua partida. Essa qualidade transiente confere ao entrelugar uma intensidade única, destacando a importância do

momento presente e enfatizando a conexão imediata entre indivíduos que nele se encontram e se reconhecem a partir das memórias compartilhadas.

Por fim, a alteridade é o atributo central para a compreensão do entrelugar como um espaço de encontro e interseção. Aqui, a alteridade não é apenas a coexistência, mas a aceitação e valorização das diferenças individuais. O entrelugar encoraja a interação autêntica e a formação de laços significativos entre pessoas de origens diversas, promovendo assim a compreensão mútua e o respeito pelas diversidades culturais e individuais.

Portanto, o entrelugar representa um conceito que vai além das fronteiras convencionais, proporcionando oportunidades para a construção de pontes entre pessoas e comunidades. Ao reconhecer e valorizar a sua natureza efêmera e fluida, onde a conexão entre sujeitos de diferentes lugares e origens se torna não apenas possível, mas também potente.

No âmbito conceitual, a amabilidade urbana revela-se como a capacidade de integrar as diversas identidades e perspectivas, que coexistem no espaço. Trata-se da qualidade do espaço que celebra a multiplicidade de experiências, permitindo que cada indivíduo se sinta parte integrante de um tecido social

diversificado. Na prática, a amabilidade urbana se manifesta no cotidiano por meio dos entrelugares, promovendo a interação entre o espaço, as pessoas e a memória coletiva (Figuras 18 e 19). Dessa forma, os entrelugares tornam-se catalisadores de encontros significativos, fomentando a compreensão mútua e fortalecendo os laços comunitários. Os resultados práticos dessa investigação serão apresentados na segunda parte deste trabalho, Parte II - Desdobramentos, por meio do estudo de caso da Rua Santa Sofia.



Figura 18: Registro da manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia. Fonte: Rangel, 2024.



Figura 19: Registro da manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.
Fonte: Rangel, 2024.

2.3 O URBANISMO COTIDIANO

Em *A Invenção do Cotidiano* (Certeau, 1998), o autor mergulha na análise da dinâmica do cotidiano, explorando como as práticas diárias das pessoas moldam e são moldadas pela cultura, sociedade e poder. Dentre os temas e conceitos abordados, Certeau distingue entre estratégias, formas de poder institucionalizadas, e táticas, que representam as práticas cotidianas dos indivíduos, operando dentro dessas estratégias. Ele argumenta que as táticas

individuais, muitas vezes invisíveis e não registradas, têm o poder de subverter as estratégias dominantes.

O autor discute como ações aparentemente simples do cotidiano, como andar pela cidade, ler textos ou realizar tarefas domésticas, são formas de resistência e criatividade. Há uma ênfase na contribuição dessas práticas individuais para a formação das identidades e cultura. Certeau explora a relação entre consumo e produção cultural, sustentando que os consumidores desempenham um papel ativo na interpretação e apropriação dos produtos culturais, conferindo-lhes significado em seus contextos pessoais.

Abordando a ideia de que as práticas cotidianas criam uma espécie de história "não oficial" ou narrativa alternativa, muitas vezes ignorada pelos registros históricos oficiais, Certeau destaca a importância dessas narrativas na compreensão mais ampla da experiência humana. Essa perspectiva revela a capacidade das ações cotidianas de desafiar e transformar as dinâmicas sociais estabelecidas (Figuras 20 e 21).

A aliança entre cidade e conceito, segundo o autor, não se limita a explicitar a verdadeira história e racionalidade urbanística, mas sim a indicar uma simbiose progressiva entre ambas. Certeau propõe uma abordagem inovadora, deslocando o foco dos discursos estratégicos, para a análise das práticas cotidianas e modos de sociabilidade ativa. Esta mudança de perspectiva visa destacar como as práticas diárias ultrapassam as representações conceituais e as imposições dos sistemas, infiltrando-se nos espaços disciplinadores, normatizadores e niveladores.



Figura 20: Registro das práticas cotidianas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, brincadeiras na rua, e roupa estendida no varal sobre a calçada.

Fonte: Rangel, 2024.



Figura 21: Registro das práticas cotidianas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, edificações de uso misto e modais ativos de transportes.

Fonte: Rangel, 2024.

O autor enfatiza a necessidade de contrapor as noções de produção e consumo, ressaltando o papel do homem comum nesse contexto. Ele distingue duas formas de produção: a racionalizada, centralizada e espetacular, associada aos sistemas estabelecidos; e a produção qualificada de consumo, astuta e dispersa, que se manifesta nas formas de utilizar os produtos impostos. A "invenção do cotidiano" revela como códigos e objetos são taticamente alterados por meio de uma produção qualificada, possibilitando a (re)apropriação do espaço e do tempo.

Certeau argumenta que a cidade é um produto sociocultural, resultante tanto de formações hegemônicas, quanto de práticas cotidianas. Os habitantes continuamente qualificam a cidade como um espaço vivido, tensionando-a por meio de fabricações cotidianas, espacialidades, temporalidades, e processos de subjetivação. A intrigante concepção de cidade-conceito conforme proposta por Certeau (1998), se destaca pela visão de um espaço em constante transformação, sujeito a apropriações e intervenções, sendo, ao mesmo tempo, "a maquinaria e o herói da modernidade". A cidade é apresentada como um cenário complexo, onde as estratégias socioeconômicas e políticas a utilizam como baliza totalizadora, enquanto a vida cotidiana evidencia o que é excluído pelos projetos urbanísticos.

Em síntese, a abordagem de Certeau oferece uma análise crítica e profunda das dinâmicas urbanas, destacando a importância de compreender as práticas cotidianas, como elementos fundamentais na construção da cidade. Sua proposta de superar a dicotomia entre produção e consumo, revela as complexidades e resistências presentes nas experiências urbanas, contribuindo para uma compreensão mais rica e contextualizada da vida nas cidades.

Neste contexto, a presente pesquisa fundamenta-se diretamente nas contribuições de Michel de Certeau, marcadas por uma abordagem crítica, em relação à compreensão das práticas cotidianas que se territorializam nas cidades, constituindo-se em diferentes dimensões como espacialidades, temporalidades e subjetividades, inerentes aos indivíduos comuns e ordinários. A abordagem de Certeau revela-se significativa ao articular elementos provenientes dos estudos sobre a vida cotidiana, considerando a perspectiva, através da qual, o mundo e a realidade urbana são interpretados e compreendidos.

A urbanização crescente ao redor do mundo tem gerado debates significativos sobre o papel do urbanismo na vida cotidiana das pessoas. No livro "Everyday Urbanism" (Urbanismo Cotidiano), escrito por John Chase, Margaret

Crawford e John Kaliski (1999), os autores enfatizam a importância dos elementos urbanos cotidianos que muitas vezes são negligenciados pelo planejamento convencional. De acordo com os autores, o urbanismo cotidiano se concentra nos espaços comuns, não monumentais, que formam a maior parte de nossas cidades - as calçadas, esquinas, ruas residenciais, estacionamentos e parques locais (Chase; Crawford; Kaliski, 1999). Esses elementos comuns são fundamentais para a vida urbana, pois são os locais onde as interações sociais, atividades diárias e experiências urbanas acontecem.

Uma das ideias centrais do livro é a observação do uso dinâmico e adaptativo do espaço público pelas comunidades locais. Os autores destacam que os espaços urbanos são continuamente usados e reutilizados pelas pessoas de maneiras imprevisíveis, muitas vezes subvertendo as intenções originais dos planejadores urbanos (Chase; Crawford; Kaliski, 1999). Eles argumentam que o planejamento urbano deve reconhecer e valorizar essas práticas informais, incorporando a flexibilidade e adaptabilidade nos projetos urbanos.

Em "Everyday Urbanism" a interação entre o ambiente construído e os contextos sociais e culturais é enfatizada. Conforme os autores, os espaços urbanos

refletem e moldam as identidades das comunidades locais, incorporando valores culturais e práticas cotidianas (Chase; Crawford; Kaliski, 1999). Dessa forma, compreender esses contextos é crucial para o desenvolvimento de ambientes urbanos mais autênticos e inclusivos.

Os autores criticam o planejamento urbano tradicional que, muitas vezes, negligencia as experiências e necessidades das pessoas comuns em prol de projetos grandiosos e esteticamente orientados. Eles advogam por uma abordagem mais participativa e sensível à vida cotidiana das comunidades. Chase, Crawford e Kaliski (1999) argumentam que o urbanismo cotidiano desafia a ênfase no monumental e no espetacular que caracteriza a maioria dos esforços de design urbano (Chase; Crawford; Kaliski, 1999). Essa crítica sugere a necessidade de repensar os paradigmas do planejamento urbano, priorizando a qualidade de vida das pessoas comuns.

Por fim, "Everyday Urbanism" promove o planejamento participativo como uma alternativa mais eficaz e inclusiva. Envolvendo os residentes locais no processo de planejamento, é possível capturar uma gama mais ampla de perspectivas e

necessidades. Os autores defendem também que a participação dos habitantes locais no planejamento urbano é essencial para criar cidades que se adaptem verdadeiramente às necessidades das pessoas que nelas vivem e trabalham (Chase; Crawford; Kaliski, 1999). Esse enfoque coloca as comunidades no centro do processo de tomada de decisões urbanas, resultando em ambientes mais habitáveis e acolhedores.

Em resumo, "Everyday Urbanism" oferece uma visão fundamental sobre a importância dos aspectos cotidianos na formação e funcionamento das cidades. O livro destaca a necessidade de repensar abordagens convencionais de planejamento urbano, priorizando a experiência e as práticas das pessoas comuns. Essas ideias têm implicações significativas para o desenvolvimento urbano sustentável e a criação de ambientes mais inclusivos e adaptáveis para todos os habitantes das cidades modernas. A abordagem do urbanismo cotidiano proposta pelos autores ressoa com a demanda por cidades mais humanas e centradas nas necessidades das comunidades locais. Conforme John Chase, Margaret Crawford e John Kaliski, para além do desenho formal e do planejamento oficial, o "urbanismo cotidiano" também atua na formação da cidade (Chase; Crawford; Kaliski, 1999).

Outra contribuição de extrema relevância para o campo do urbanismo cotidiano é o livro "Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro", de Mello e Vogel (2017), os autores apresentam um estudo etnográfico e arquitetônico dos bairros Catumbi e Conjunto Selva de Pedra, no Rio de Janeiro, conduzido em 1979 com financiamento do Ibam (Instituto Brasileiro de Administração Municipal). Este trabalho, oferece uma análise comparativa entre os dois contextos urbanos: o Catumbi, um bairro popular de desenvolvimento espontâneo adjacente ao centro da cidade desde o século XIX, e o Conjunto Selva de Pedra, representante do urbanismo modernista planejado no Leblon. A pesquisa adotou uma abordagem metodológica de aproximação com os moradores do Catumbi, contrastando com o modelo modernista representado pelo Selva de Pedra. Os autores propõem que as formas de apropriação espontânea dos espaços urbanos, observadas no Catumbi, oferecem insights valiosos para uma análise crítica do planejamento urbano, em contraposição aos modelos monofuncionais do Selva de Pedra.

Ao longo do livro, Mello e Vogel (2017) discutem como o Catumbi desafia as concepções tradicionais de ordenamento urbano moderno, enfatizando a

importância das práticas cotidianas na construção do espaço urbano. Os autores criticam os mitos fundadores do discurso progressista dos planejadores e argumentam que as formas de apropriação observadas no Catumbi são mais relevantes para uma análise urbana eficaz do que os modelos homogeneizadores do Selva de Pedra.

Em síntese, "Quando a rua vira casa" oferece uma reflexão profunda sobre as complexidades da vida urbana, destacando como os espaços são moldados pelas práticas sociais e culturais dos habitantes, e questiona os modelos dominantes de planejamento urbano moderno em favor de abordagens mais inclusivas e sensíveis às realidades locais (Figuras 22 e 23).



Figura 22: Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, extensão da fachada da casa para a calçada

Fonte: Rangel, 2023.



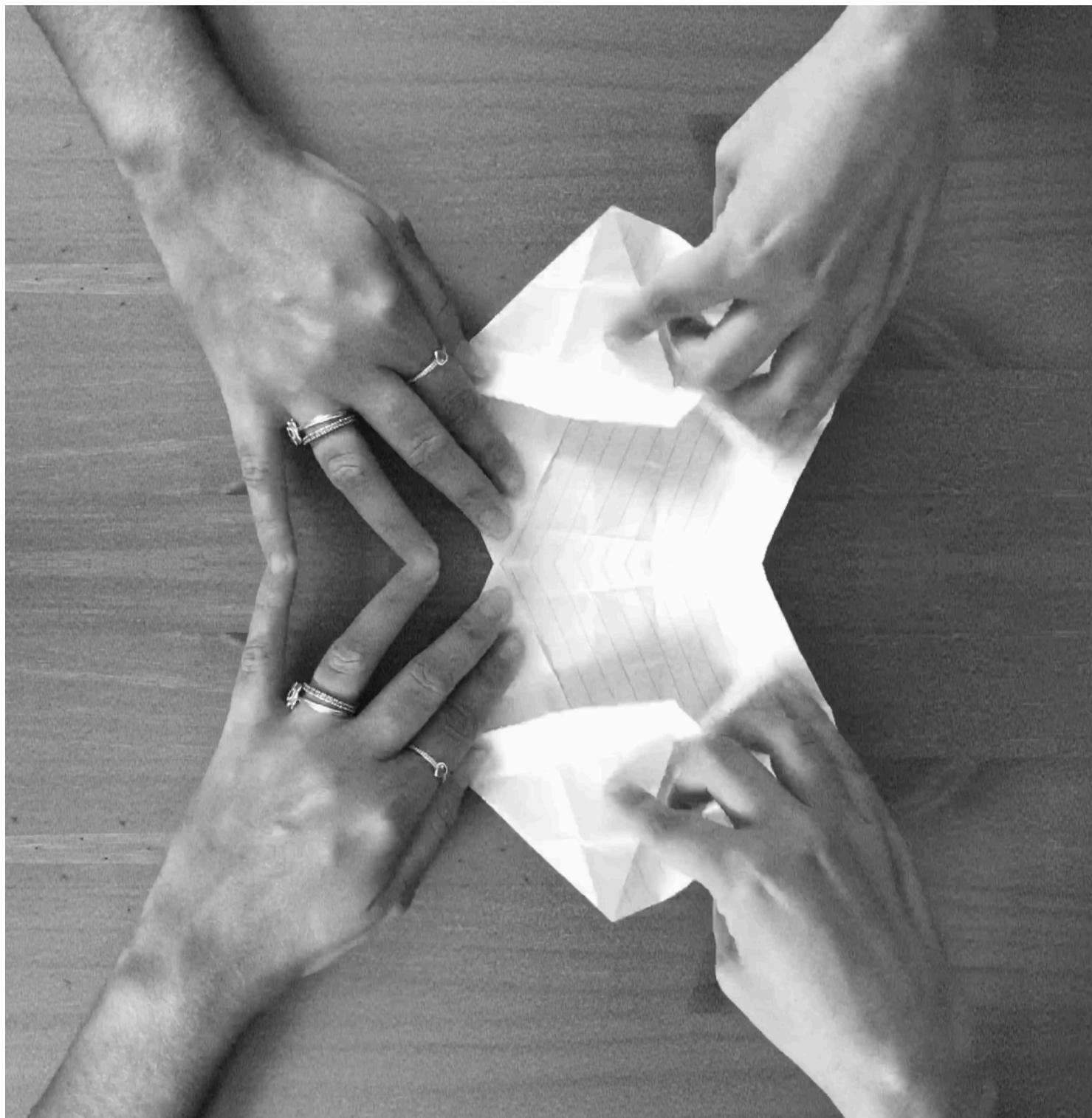
Figura 23: Registro fotográfico de práticas cotidianas situadas nos entrelugares da Rua Santa Sofia, apropriação do meio-fio da calçada como mobiliário urbano.

Fonte: Rangel, 2023.

Figura 24: Registro fotográfico de um papel em branco sendo desdobrado, uma síntese gráfica e simbólica do processo de construção dos percursos empíricos da pesquisa. Fonte: Rangel, 2021.

PARTE II

DESDOBRAMENTOS



Esta seção dedica-se à exposição do objeto de estudo, considerando os entrelugares da Rua Santa Sofia, enquanto espaços cotidianos onde a amabilidade se manifesta.

A escolha metodológica adotada de analisar, qualitativamente, os atributos dos entrelugares, a partir de dimensões distintas e complementares (espacial, temporal e social), busca compreender como essas dimensões da paisagem se articulam, no processo de manifestação da amabilidade urbana, a partir das dinâmicas cotidianas. As dimensões estão dispostas nos três capítulos subsequentes.

O **Capítulo 3** – Espacialidades, contempla a forma como o espaço é organizado, os padrões de ocupação e infraestrutura que influenciam a experiência das pessoas no cotidiano.

O **Capítulo 4** – Temporalidades, explora o ritmo das atividades diárias, os padrões temporais de movimento das pessoas, e as transformações sazonais ou históricas, que afetam a natureza dos espaços cotidianos e constroem identidades locais.

O **Capítulo 5** – Subjetividades, diz respeito às interações sociais, às relações de poder e às práticas culturais, que moldam e são moldadas pelos espaços que as pessoas habitam diariamente.

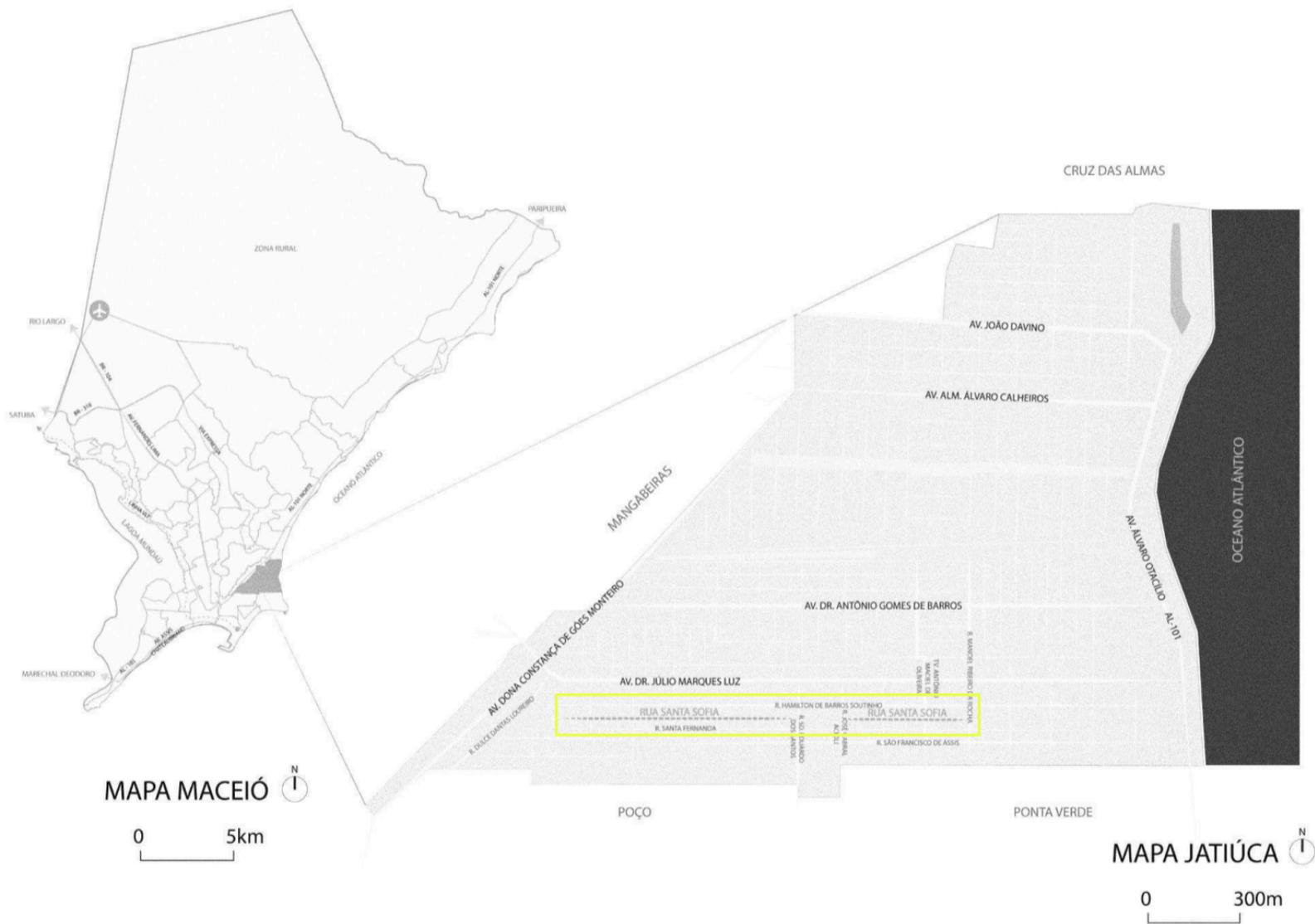
CAPÍTULO 3 - ESPACIALIDADES

3.1 A DIMENSÃO ESPACIAL

A dimensão espacial abrange a espacialidade e a configuração concreta dos ambientes, refere-se à arquitetura e aos elementos construídos que compõem a paisagem, onde as atividades diárias ocorrem. Inclui os elementos fixos como os edifícios, as calçadas, o mobiliário urbano, entre outros. Essa dimensão contempla a forma como o espaço é organizado, os padrões de ocupação e infraestrutura, que influenciam a experiência das pessoas nas práticas cotidianas.

Dentro desta dimensão, consideramos a acessibilidade, a legibilidade do espaço (a facilidade com que as pessoas podem entender, percorrer e permanecer no ambiente), a escala das edificações, e a configuração dos espaços construídos e dos espaços livres. Aspectos como cor, textura e iluminação também compõem essa dimensão, e desempenham um papel significativo na composição de paisagens, que podem ser acolhedoras ou alienantes.

Figura 25: Diagrama de aproximação do objeto de estudo, (i) Mapa Maceió (o bairro na cidade), (ii) Mapa Jatiúca (a rua no bairro)
Fonte: Base Cartográfica da PMM, adaptado pela autora, em 2024.



Portanto, para fins metodológicos, esta seção, levou em consideração os aspectos espaciais do objeto de pesquisa, como por exemplo: o seu traçado, a distribuição e a escala dos edifícios e a configuração dos espaços livres. Sobretudo, considerou a articulação do objeto empírico com o entorno imediato e a sua inserção no contexto da cidade.

A Rua Santa Sofia representa uma ruptura da dinâmica do tecido urbano do bairro da Jatiúca, atravessando a planície central da cidade de Maceió, no sentido leste-oeste (Figura 25). É constituída por casas e sobrados predominantemente residenciais, com pontos de comércio e serviço locais, distribuídos ao longo da sua extensão. A Rua Santa Sofia, possui aproximadamente 1.300m de comprimento, composta por 9 quarteirões, dividida em dois trechos, o primeiro é composto por 3 quarteirões, enquanto o segundo por 6 quarteirões. A Rua possui largura variável, mantendo uma média de 3m de largura, podendo chegar a 2m nos pontos mais críticos.

Apesar de possuir uma dinâmica urbana consolidada (Figura 29), sua origem é desconhecida, uma vez que não faz parte de um parcelamento do solo

legal, no entanto ela é caracterizada como um logradouro público oficial, conforme levantamento de informações junto ao setor de informações geográficas da Prefeitura Municipal de Maceió (Figuras 26, 27 e 28). Nota-se que a rua foi ocupada a partir de uma área remanescente entre dois desmembramentos oficiais, o Desmembramento Santo Amaro (1963) e o Desmembramento Santa Fernanda (1965).

Figuras 26: Mapa esquemático de localização da Rua Santa Sofia, com destaque para o primeiro trecho, entre os desmembramentos Santo Amaro e Santa Fernanda, Jatiúca.

Fonte: Prefeitura Municipal de Maceió, adaptado pelo autor, 2023.



Figuras 27 e 28: Registros fotográficos das plantas aprovadas dos desmembramentos Santa Fernanda e Santo Amaro, Jatiúca.
Fonte: PMM, 1963 e 1965, respectivamente.

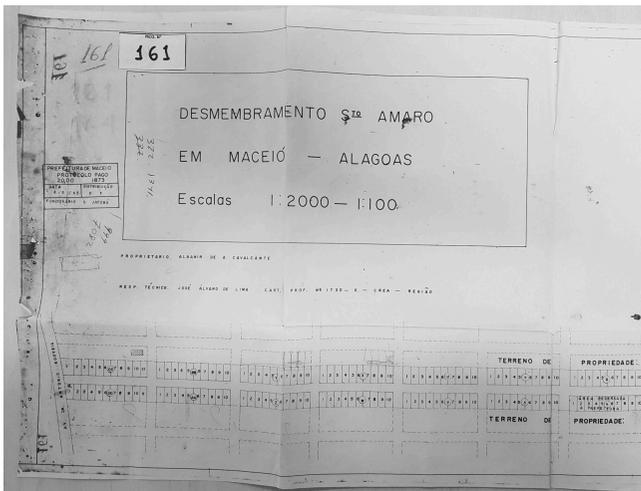
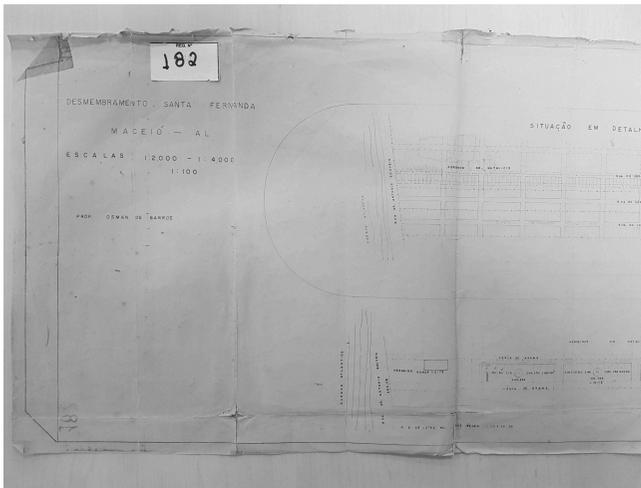


Figura 29: Registro fotográfico da esquina da Rua Santa Sofia, destaque para a sinalização vertical com a denominação e reconhecimento da via pública.
Fonte: Rangel, 2023



Era fim de tarde de um dia comum, percorri a estreita Rua Santa Sofia despretensiosamente, e reparei que uma sensação peculiar de acolhimento me envolveu, ao adentrar aquele espaço, onde as calçadas fervilhavam de pessoas, as portas das casas constantemente abertas, revelando, por vezes, alguém sentado na soleira ou no batente da escada.

Ruídos distintos permeavam o ambiente e contribuíam com aquela atmosfera acolhedora, os ruídos que vinham do interior das residências, o eco de obras em andamento e a efusiva algazarra das brincadeiras infantis. Observei atentamente cada movimento, onde se desenrolam múltiplas tarefas domésticas. Cadeiras dispostas sobre a calçada, roupas estendidas nos varais, a senhora que rega cuidadosamente as plantas na frente da sua casa, as crianças que brincam livremente no meio da rua, o senhor que acompanha com curiosidade as brincadeiras dos pequenos, e o jovem imerso em seu jogo de celular, sentado no meio-fio enquanto afagava seu gato. O mercadinho da esquina e a lanchonete na janela da casa traziam ainda mais movimento e fluxo de pessoas para a Rua.

Cada cena é um retrato que se constrói ao caminhar, ver, ouvir, conversar, parar e reparar. E os gestos revelam as minúcias de uma comunidade multifacetada, onde a vida cotidiana daquele lugar se desdobra e atravessa o meu corpo.

(Diário de Bordo, novembro de 2023)



Figura 30: Registro fotográfico da pesquisadora em visita de campo, representa a relação corpo-território.

Fonte: Adrielly Paz, 2023.



Figura 31: Registro fotográfico da configuração espacial da Rua Santa Sofia, com destaque para a distribuição de fluxos, a faixa central definida como “local de passagem” e as faixas laterais definidas como “local de permanência”.

Fonte: Rangel, 2023.

Este foi um registro, desenvolvido, em uma das aproximações com o objeto da pesquisa, onde há o reconhecimento da paisagem da Rua Santa Sofia como um contraponto no bairro Jatiúca, por ser fronteira, passagem e permanência, um território que manifesta o conceito de entrelugar, aqui construído (Figura 31). A narrativa apresentada descreve uma experiência de imersão da pesquisadora em um contexto urbano específico, no qual se evidenciam diversas interações e dinâmicas sociais. Ao analisar as relações entre a pesquisadora e o lugar pesquisado, várias questões e dinâmicas emergem a partir da relação corpo-território (Figura 30).

Primeiramente, o registro revela a postura da pesquisadora ao descrever sua interação com o lugar. A abordagem despretensiosa e observativa reflete uma tentativa de compreender a vida cotidiana do local através da imersão sensorial. O reconhecimento dos detalhes das atividades e interações ratificam a relevância da abordagem empírica na construção desta pesquisa, na qual a pesquisadora busca

captar a essência e a experiência vivida do espaço estudado. A relação entre pesquisadora e objeto pesquisado, nesse contexto, é dinâmica e dialógica. A pesquisadora se posiciona como uma observadora participante, incorporando-se ao ambiente para compreendê-lo mais profundamente.

Do ponto de vista teórico, a abordagem adotada enfatiza a importância da experiência vivida e da intersubjetividade na compreensão dos espaços urbanos. Nesse sentido, o registro ilustra uma aproximação ao território, buscando captar não apenas a forma física, mas também a essência das relações sociais e temporais que definem o espaço. Ao considerar a relação entre o corpo da pesquisadora e o território pesquisado, é fundamental compreender que a presença da pesquisadora no campo não é neutra, ela influencia e é influenciada pelas dinâmicas locais do território estudado. Essas reflexões teóricas sustentam a ideia de que esta pesquisa é uma atividade situada e relacional, e destacam a relevância da posição e da subjetividade na construção do conhecimento sobre o ambiente urbano.

3.2 EXPLORANDO A ARQUITETURA DOS ENTRELUGARES

A configuração espacial da Rua Santa Sofia (Figura 31) é notadamente irregular, no entanto, a distribuição dos fluxos é ordenada e explícita, na qual a faixa central é determinada como local de passagem e as faixas laterais definidas como local de permanência. A faixa de circulação central é contínua, com aproximadamente 2 metros de largura, delimitada por meio-fio em ambos os lados e é acompanhada por faixas laterais de acesso, as quais apresentam larguras e alturas variáveis, devido à ocupação desigual que evoluiu ao longo do tempo (Figuras 32 e 33).

A ocupação ao longo da rua é diversificada, apresentando edifícios de até três pavimentos, com portas e janelas limítrofes com a rua, destinados principalmente ao uso residencial ou misto. A rua possui características peculiares de cidade de interior, crianças ainda brincam livremente, a conversa é compartilhada na calçada, em cadeiras de plástico ou na soleira da porta (Figuras 34 e 35). Por vezes, não se sabe onde começa a rua e onde termina a casa. Porta, janela, sala, varanda, quintal, calçada, se misturam e “a rua vira casa”.

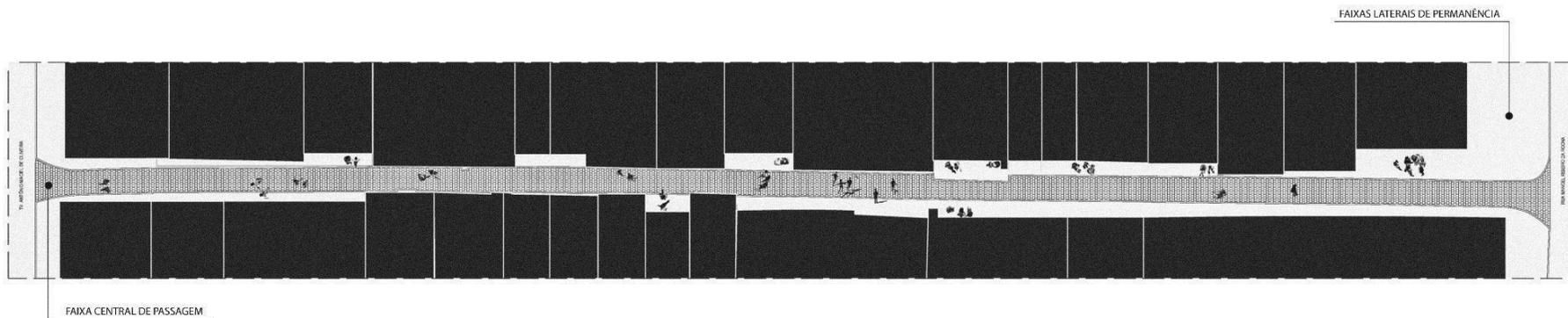


Figura 32: Diagrama em planta baixa da dimensão espacial dos entrelugares da Rua Santa Sofia.
 Fonte: Rangel, 2024.

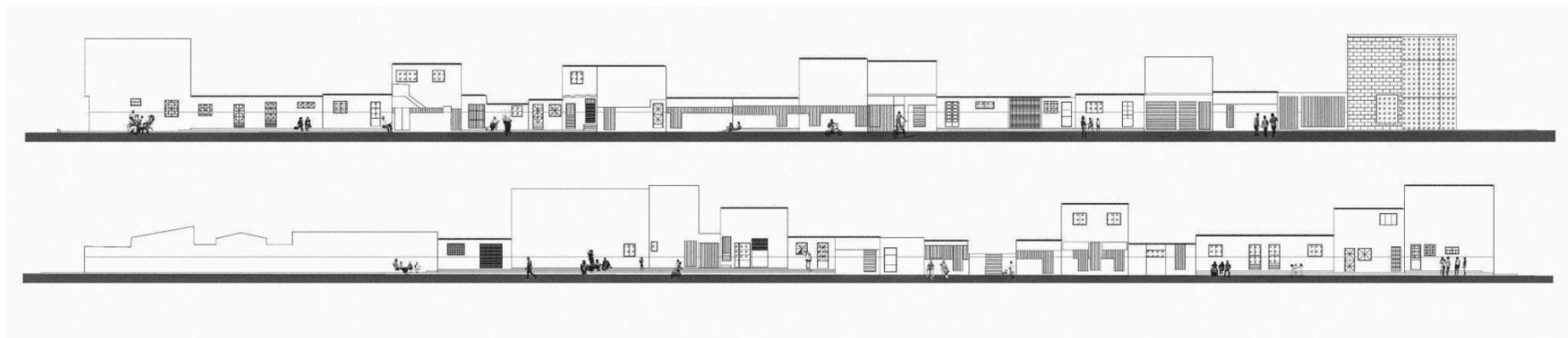


Figura 33: Diagrama em elevação da dimensão espacial dos entrelugares da Rua Santa Sofia.
 Fonte: Rangel, 2024.

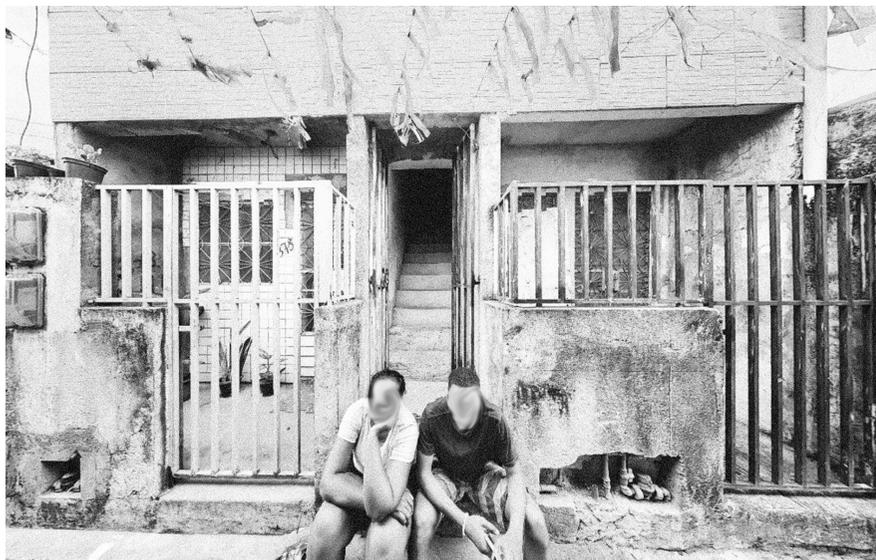


Figura 34: Registro de manifestação da amabilidade nos entrelugares da Rua Santa Sofia.
Fonte: Rangel, 2024.



Figura 35: Registro de manifestação da amabilidade nos entrelugares da Rua Santa Sofia.
Fonte: Rangel, 2024.

Na Rua Santa Sofia, um intrincado tecido social se desenvolve sobre o espaço construído, os aspectos gregários emergem no cotidiano, onde a proximidade e as dimensões diminutas das unidades habitacionais impulsionam a sua extensão para o espaço da rua. Esse aspecto propicia um ambiente atrativo para interação, partilha e, sobretudo, o reconhecimento do outro.

Por tais características, a Rua Santa Sofia representa uma ruptura na dinâmica urbana da Jatiúca, um bairro nobre, onde cada metro quadrado é disputado pelas grandes construtoras, para a implantação de edifícios de alto padrão, com o maior índice de aproveitamento do solo possível (Figura 36). A alienação individualizadora presente nestes edifícios é resultante de uma combinação de fatores que incluem a monotonia arquitetônica, a privatização dos espaços de convívio, a segurança excessiva e a homogeneidade socioeconômica, criando ambientes estéreis e controlados, no quais as interações espontâneas são desencorajadas.

Figura 36: Registro fotográfico da Rua Manoel Ribeiro da Rocha, bairro Jatiúca, situada no entorno imediato da Rua Santa Sofia.

Fonte: Rangel, 2024.



No decorrer dessa análise, a Rua Santa Sofia, caracterizada pela ruptura na dinâmica do tecido urbano, assume o papel de palco para a "informalidade", devido à interação entre as esferas pública e privada. Por outro lado, a ambiência predominante do seu entorno imediato, sustenta a ideia de "formalidade", caracterizando-se por um controle urbano e social mais efetivo. Contudo, esse ambiente de entorno tende a ser permeado por um viés mercantilista que, frequentemente, negligencia as relações afetivas e de vizinhança. Consequentemente, um padrão de desenvolvimento exclusivista é fomentado, culminando na gentrificação desses espaços, um notável exemplo é a herança histórica associada ao processo de ocupação do bairro da Jatiúca, que estabelece às ocupações tradicionais um caráter de resistência às pressões do mercado imobiliário.

A paisagem da Rua Santa Sofia, em contraste, é uma expressão da vitalidade urbana dos espaços públicos. Ela incorpora uma fusão de elementos arquitetônicos vernaculares, que desempenham um papel na consolidação da identidade local. Esses elementos incluem a utilização de materiais de construção disponíveis, além de práticas construtivas tradicionais de autoconstrução, como

puxadinhos e varandas, juntamente com fachadas adornadas com cores vibrantes, bem como a sua configuração estreita e sinuosa, pavimentação em paralelepípedo e murais artísticos, que contribuem com a construção da ambiência singular que a define.

Contudo, a Rua Santa Sofia também enfrenta desafios persistentes devido, principalmente, à carência de infraestrutura e o acesso a serviços básicos. O sistema de saneamento ambiental, apesar de melhorias recentes, ainda revela fragilidades que impactam negativamente a qualidade de vida dos moradores. A carência de pavimentação adequada e de um sistema de drenagem eficiente, durante o período de maior índice pluviométrico, convertem episódios de chuvas em obstáculos para os moradores, criando riachos temporários que dificultam a acessibilidade. O descarte inadequado de resíduos sólidos é uma problemática cotidiana, suscitando a necessidade de aprimoramento, na gestão ambiental e também na conscientização comunitária (Figura 37).

Figura 37: Registro fotográfico de fachada com descarte irregular de resíduos sólidos na Rua Santa Sofia.

Fonte: Rangel, 2023.



Desse modo, as diversas situações aqui exemplificadas, especialmente a relação dialética entre a Rua Santa Sofia e seu entorno imediato, o bairro Jatiúca, refletem a complexidade dos desafios urbanos e a necessidade de uma abordagem abrangente para lidar com eles. Nesta seção, considerando a dimensão espacial da Rua Santa Sofia, o atributo da **liminaridade** emerge como o principal agente catalisador da amabilidade urbana. Nota-se a presença deste atributo em escalas distintas de planejamento, desde a relação rua-casa (por meio da interface entre o domínio público e privado) até a relação rua-bairro (por meio da interface entre o aspecto informal e formal).

Portanto, a liminaridade, enquanto atributo dos entrelugares contidos na Rua Santa Sofia, se revela a partir dos aspectos territoriais relacionados à ruptura da dinâmica urbana, que desafiam as fronteiras convencionais do urbanismo e revelam as oportunidades latentes deste lugar (Figuras 38 e 39).

Figuras 38: Registro fotográfico que representa a interface entre o domínio público e privado, enquanto agente catalisador da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.
Fonte: Rangel, 2023.



Figura 39: Registro fotográfico que representa a interface entre o domínio público e privado, enquanto agente catalisador da amabilidade urbana nos entrelugares da Rua Santa Sofia.
Fonte: Rangel, 2023.



CAPÍTULO 4 - TEMPORALIDADES

4.1 A DIMENSÃO TEMPORAL

A dimensão temporal dos espaços cotidianos refere-se à dinâmica das atividades que ocorrem nesses locais, bem como às mudanças dessas ao longo do tempo. Esta dimensão explora o ritmo das atividades diárias, os padrões temporais de movimento das pessoas e as transformações, sazonais ou históricas, que afetam a natureza da paisagem local. Além disso, a temporalidade dos espaços refere-se à adaptação a novas necessidades ao longo do tempo, e incorpora a memória como um elemento essencial de sua conformação. A memória coletiva desempenha um papel significativo na noção de pertencimento, e na maneira como as pessoas percebem e interagem entre si, e com o espaço ao longo do tempo.

Os usos cotidianos presentes na Rua Santa Sofia muitas vezes operam de forma tática, adaptando-se e transformando o espaço urbano de maneiras não previstas pelas estratégias dominantes. A Rua Santa Sofia possui uma variedade de usos cotidianos que foram mapeados, considerando a variável do período do dia,

diurno ou noturno (Figuras 39 e 40), durante as etapas metodológicas de aproximação e conexão. As categorias aqui elencadas não esgotam as diversas formas de apropriação do espaço pelos seus habitantes, apenas sintetizam e agrupam para fins de análise os tipos predominantes de uso cotidiano.. A partir das visitas técnicas realizadas, os usos cotidianos foram mapeados e agrupados em cinco categorias de análise, da seguinte forma:

Uso Cotidiano 1 (UC1) - Percurso e Permanência: os moradores locais utilizam a rua como um espaço para percorrer a vizinhança, criando caminhos e trajetos que não são necessariamente previstos pelos planejadores urbanos. Esse movimento de caminhar e parar pode ser uma forma de exercer liberdade e autonomia no território, bem como de reconhecimento do lugar.

Uso Cotidiano 2 (UC2) - Socialização e Interação: a rua serve como um local de encontro e interação social entre os habitantes, moradores, visitantes ou transeuntes. As pessoas também se reúnem, conversam, trocam informações e estabelecem relações sociais informais, criando uma rede de sociabilidade.

Uso Cotidiano 3 (UC3) - Atividade Econômica: é comum a presença de atividades não residenciais integradas na mesma edificação da residência (uso

misto), majoritariamente conformada por atividade de comércio e/ou serviço localizado em um cômodo adaptado da casa. Essa prática econômica é uma forma de os indivíduos gerarem renda e acessarem bens de consumo de forma mais acessível e adaptada às suas necessidades cotidianas.

Uso Cotidiano 4 (UC4) - Expressão Cultural: a rua é um espaço para expressão cultural e artística, onde moradores exibem seu talento por meio de grafites, murais e outras manifestações criativas. Essas expressões culturais refletem as identidades e as experiências da comunidade local.

Uso Cotidiano 5 (UC5) - Resistência e Subversão: os habitantes utilizam a rua como um local para resistir ou subverter as normas impostas. Isso inclui atividades como ocupações temporárias de espaços públicos, mutirões para construção ou reforma de edificações, bem como reparos no espaço público, entre outras formas de desafio às estruturas de poder.



UC1 estacionamento de bicicleta



UC2 convívio na rua



UC3 atividade comercial no meio da quadra



UC5 depósito de material



UC3 atividade comercial na esquina



UC4 decoração com bandeirolas



UC1 circulação de pessoas



UC5 estacionamento de veículos



UC3 serviço de entrega



UC4 varal de roupa na fachada



UC5 reparo na faixa central



UC1 brincadeira infantil

Figura 39:
Mapeamento diurno dos usos cotidianos da Rua Santa Sofia
Fonte: Rangel, 2023.



UC1 circulação de pessoas na faixa central



UC2 convívio de jovens e crianças



UC1 estacionamento de veículos



UC1 estacionamento de bicicleta



UC4 grafite sobre o muro



UC5 depósito de material de construção



UC5 inserção de quebra molas



UC2 brincadeira infantil



UC4 iluminação da fachada



UC3 ponto comercial da esquina



UC1 baixa circulação de pessoas



UC2 atividade de lazer e contemplação

Figura 40:
Mapeamento noturno dos usos cotidianos da Rua Santa Sofia
Fonte: Rangel, 2023.

A maneira como os usos cotidianos se ancoram no espaço urbano, varia significativamente ao longo do tempo, e são influenciadas por diversos fatores, como horário do dia, dia da semana, raça, gênero e faixa etária dos usuários. Essas variantes refletem as formas diversas como os indivíduos se apropriam e reinterpretam o ambiente construído, de acordo com suas necessidades e contextos específicos.

Durante o dia, por exemplo, a Rua Santa Sofia é dominada por transeuntes, que a utilizam como corredores de passagem para o trabalho, escola ou atividades cotidianas. Já no período do fim da tarde e no início da noite, os usos da Rua assumem outra conotação. Locais de encontro social surgem, com grupos de pessoas se reunindo para conversar, relaxar ou participar de atividades recreativas. Apesar da limitação da iluminação pública em alguns trechos, que impacta negativamente a dinâmica do espaço e contribui com a percepção de insegurança local, nota-se uma expressiva quantidade e diversidade de atividades durante o período noturno.

Além disso, percebe-se também que o dia da semana influencia diretamente nos usos cotidianos. Durante a semana, por exemplo, o fluxo de

transeuntes é mais intenso devido às atividades comerciais e escolares, com uma maior presença de crianças e jovens. Já nos finais de semana, a Rua se transforma em local de maior permanência, atividades de lazer e convivência acontecem no espaço coletivo, famílias aproveitam o tempo ao ar livre e também promovem eventos culturais locais.

Em resumo, a aproximação com o território, por meio de visitas técnicas, permitiu compreender que os usos cotidianos deste espaço urbano são contextualizados e adaptativos. Eles são moldados por uma interação de fatores que refletem a maneira pela qual os indivíduos se apropriam (ou não) desses espaços. Portanto, ao considerar essas variáveis, é possível desenvolver estratégias mais inclusivas e sensíveis para o planejamento e desenho urbano, visando promover espaços públicos mais diversificados, seguros e acolhedores.

4.2 CONTEXTUALIZANDO HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM

No desenvolvimento da etapa metodológica de conexão com o objeto empírico deste trabalho, a partir de entrevistas informais com seus habitantes, foi revelado que mais do que pelas transformações de ordem espacial, a amabilidade urbana se manifesta nos entrelugares, através de um agente catalisador temporal: a memória. Durante os diálogos realizados, a maioria dos entrevistados narraram histórias sobre como a paisagem local foi sendo transformada, ao longo do tempo.

Na dimensão temporal, a memória compartilhada permeia intimamente as histórias narradas pelas pessoas, e fortalece o sentimento de pertencimento dos moradores, sobretudo os mais antigos. Um aspecto relevante a ser destacado, é que todos os entrevistados possuem forte relação de pertencimento com o lugar. Nota-se que os entrevistados, ou moram na Rua Santa Sofia desde que nasceram, ou pelo menos a metade do tempo de vida.

Conforme narrativas desenvolvidas pelos habitantes, o território da Rua Santa Sofia foi inicialmente conformado por um sítio de coqueiros, e, posteriormente ocupado de forma espontânea por casas de taipa. Com o tempo essas edificações foram substituídas por casas geminadas de porta e janela, alinhadas com a rua, quando ainda não tinha energia elétrica, nem abastecimento de água. Ao longo dos anos, o tipo de ocupação das edificações também foi modificado, o arranjo de casas térreas geminadas e justapostas deu lugar aos sobrados, que expandiram e avançaram sobre a rua. Em resumo, o processo de transformação da paisagem local narrado pelos habitantes evidencia aspectos de vitalidade e expressão urbana, a partir da modelagem de paisagens transitórias, nas quais as interações sociais são constituídas e as camadas do tempo são reveladas, a partir da memória.

Carolina Junqueira (2024), em “Cartografias do Narrar: Experiências de Inventar Mundos”, apresenta uma reflexão sobre a relação intrínseca entre a narrativa e a construção de paisagens, evocando conceitos que destacam a ativa participação da narrativa, na formação da realidade. Essa perspectiva fundamenta a

composição dos cenários aqui construídos, a partir das memórias narradas pelos habitantes.

narrar o mundo é inventá-lo, construí-lo,
dar-lhe forma, forma móvel, e cambiável
é dar-nos forma, constituir o que somos,
o que nos tornamos no gesto de contar.
mãos, olhos, boca:
todo o corpo é convocado
para dar forma ao mundo.
gestos de amor, gestos de perda
a escrita a imagem, a oralidade,
o sopro da voz, a dança das mãos no ar.

(Junqueira, 2024)

A assertiva inicial, "narrar o mundo é inventá-lo, construí-lo", sugere uma abordagem que transcende a mera representação do real, ressaltando a capacidade da narrativa de desempenhar um papel ativo, na conformação da experiência. A expressão "forma móvel, e cambiável" destaca a natureza dinâmica e fluida da realidade, indicando uma compreensão da experiência humana, como uma construção contínua e mutável. Esta perspectiva implica que a narrativa, não apenas reflete a realidade, mas também a influencia, sugerindo um processo de cocriação entre narrador e mundo narrado. A afirmação subsequente, "dar-nos

forma, constituir o que somos", sugere que a narrativa não é apenas uma representação externa, mas desempenha um papel fundamental na formação da identidade pessoal. Nesse sentido, a narrativa emerge como um meio, através do qual os indivíduos se entendem, e constroem suas próprias narrativas identitárias.

A inclusão do corpo como um elemento integral na narrativa, com a menção de "mãos, olhos, boca: todo o corpo é convocado", enfatiza a importância da expressão corporal e emocional na criação e transmissão de histórias (Figura 41). Isso destaca a narrativa como uma experiência, que envolve não apenas a mente, mas todo o corpo físico. A dualidade expressa nos "gestos de amor, gestos de perda" aponta para uma complexidade afetiva inerente à narrativa, sugerindo que ela abrange, tanto situações de aproximação, quanto de distanciamento. Por fim, a enumeração de diferentes meios de expressão da narrativa, como "a escrita a imagem, a oralidade, o sopro da voz, a dança das mãos no ar", amplia o escopo e aponta para uma compreensão mais ampla e inclusiva da narrativa, reconhecendo que ela pode se manifestar, através de diversas formas e meios, enriquecendo assim a experiência.

Figura 41: Registro fotográfico dos gestos enquanto elemento fundamental na construção das paisagens narradas pelos habitantes da Rua Santa Sofia
Fonte: Rangel, 2023.



Em síntese, o texto referenciado propõe uma visão expansiva e interdisciplinar da narrativa, destacando sua capacidade, não apenas de refletir a realidade, mas de participar ativamente na construção de paisagens que contribuem com a formação das identidades e da memória coletiva. Com isso, a seção subsequente dedica-se ao registro do processo de transformação da paisagem da Rua Santa Sofia, ao longo do tempo, a partir da construção das paisagens narradas pelos seus habitantes.

Os cenários apresentados nesta seção (Figuras 42, 43, 44 e 45), revelam retratos temporais dos entrelugares que compõem a Rua Santa Sofia, construídos a partir das paisagens narradas pelos habitantes e registrados por meio de síntese gráfica (fotocolagem), como instrumento capaz de abordar a diversidade de afetos presentes na memória, considerando que as narrativas não são construídas a partir do que realmente ocorreu, mas daquilo que se destaca do acontecimento, o que persiste, o que foge (Junqueira, 2024).

Portanto, as narrativas apresentadas a seguir evidenciam a complexidade do fenômeno da urbanização e de transformação da paisagem local, desde suas raízes mais simples até as projeções futuras, marcadas pela tendência do processo

de gentrificação. Da simplicidade rural à gentrificação, a transformação da paisagem reflete não apenas mudanças espaciais, mas também implicações sociais, econômicas e culturais, através do tempo. Neste capítulo, no que concerne à dimensão temporal, a memória coletiva atua como agente catalisador primário da amabilidade urbana, e revela a **transitoriedade** enquanto atributo chave dos entrelugares. A transitoriedade da paisagem permeia as narrativas que se constroem e reconstroem, por meio das camadas de significâncias acumuladas ao longo do tempo, que impulsiona o sentimento de pertencimento e enriquece a conexão afetiva das pessoas com o lugar.

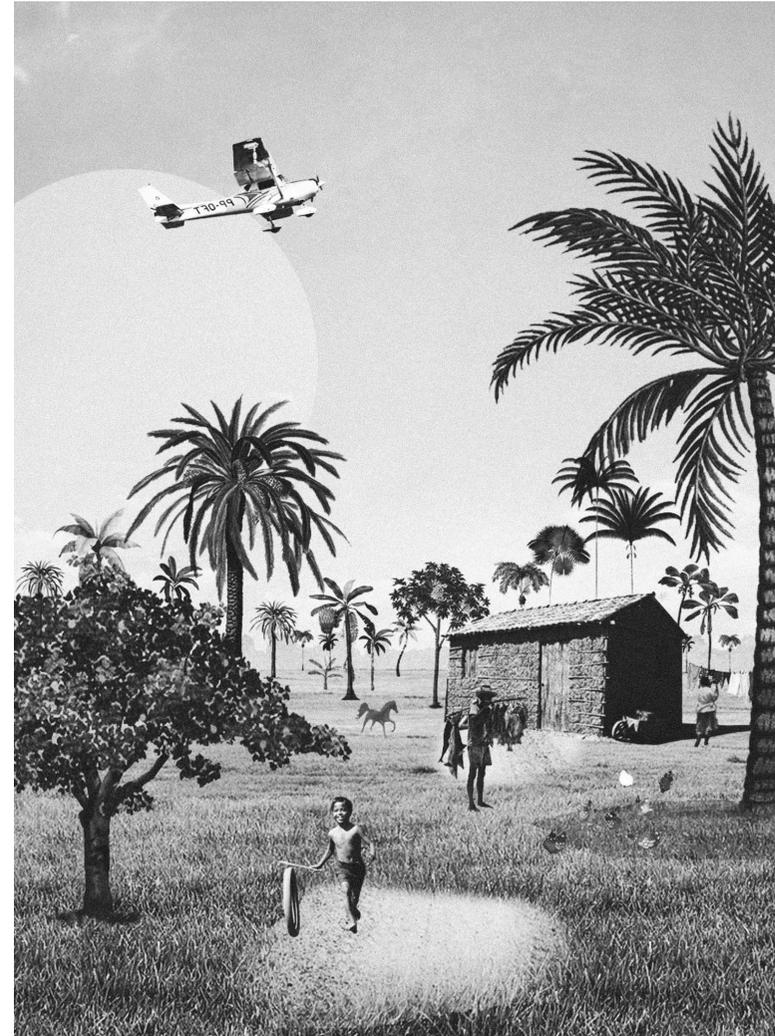
Cenário 1 - Primórdios da Ocupação

Em meados da década de 1960, a região onde hoje é definido o bairro da Jatiúca, apresentava-se como um cenário rural, com extensos sítios de coqueiros e casas de veraneio. A área reconhecida hoje como a Rua Santa Sofia presencia os primórdios da ocupação, representada pela primeira casa de taipa. Nesse estágio inicial de ocupação, a paisagem reflete a simplicidade da vida rural, distante da crescente urbanização, que se delinaria nas décadas seguintes.

Este cenário retrata a predominância do ambiente natural sobre o construído, com áreas cobertas por vegetação nativa, coqueiros, cajueiros e mangabeiras, entre outras espécies. Ressalta a presença da arquitetura vernacular, com linhas suaves e práticas rudimentares, integradas ao contexto natural. Na proximidade da moradia, observa-se uma lavadeira e um pescador em atividade, bem como uma criança engajada em atividades lúdicas no chão batido. Em segundo plano, a presença de animais como vacas, cavalos, galinhas e porcos, contribuem para a composição da simplicidade do ambiente circundante.

Figura 42: Fotocolagem representativa do retrato temporal dos entrelugares que compõem a Rua Santa Sofia, Cenário 1 - Primórdios da Ocupação.

Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.

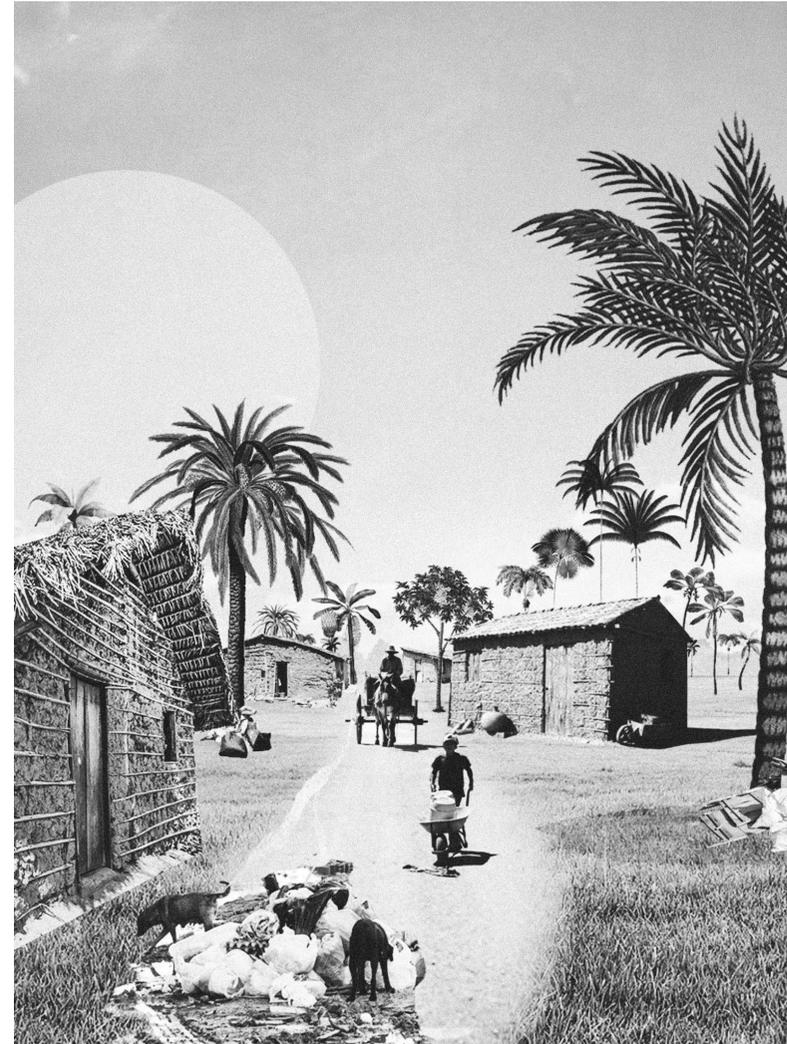


Cenário 2 - Ocupações Rudimentares e Ausência de Infraestrutura

Durante a década de 1980, a urbanização da Rua Santa Sofia progrediu lentamente. Casas de taipa começaram a surgir, espaçadas entre os coqueirais, mas a falta de infraestrutura básica, como abastecimento de água e energia, era evidente. Esse período representa a transição entre a paisagem rural e a urbana, marcado pela precariedade das condições de vida.

O cenário descreve a transição do ambiente rural para o urbano, onde as casas de taipa representam a arquitetura característica da região, naquele período. As primeiras etapas de urbanização são visíveis, com a incipiente delimitação da rua e a ausência de infraestrutura básica, enquanto os meios de transporte e as atividades laborais, ainda mantêm elementos tradicionais. Essa fase de desenvolvimento é simbolizada pela coexistência de características rurais e urbanas, ilustrando a transição gradual entre esses dois ambientes.

Figura 43: Fotocolagem representativa do retrato temporal dos entrelugares que compõem a Rua Santa Sofia, Cenário 2 - Ocupações Rudimentares e Ausência de Infraestrutura
Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.



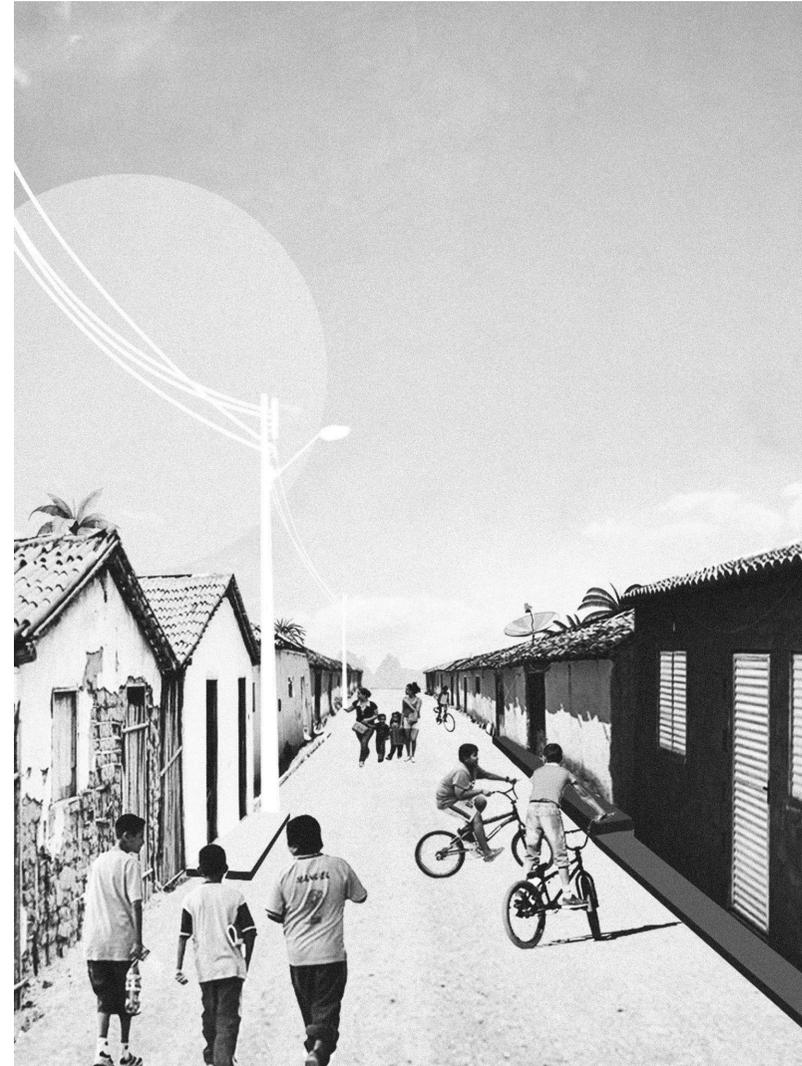
Cenário 3 - Consolidação da Urbanização

Na virada do milênio, a Rua Santa Sofia experimentou uma significativa transformação. As casas de taipa deram lugar a estruturas de tijolos e telhado de barro, agora arranjadas por justaposição, definindo claramente o traçado da rua. A infraestrutura básica foi estabelecida, proporcionando aos residentes acesso a serviços essenciais, e marcando a consolidação do processo de urbanização.

A paisagem exibe um cenário urbano em estágio inicial, caracterizado por casas simples de porta e janela. A delimitação da rua é evidenciada pela conformação do meio-fio, apesar da ausência de pavimentação e da precariedade da infraestrutura. Postes com iluminação elétrica são dispersos ao longo da via, indicando uma integração incipiente aos serviços urbanos. Crianças brincam na rua, e denotam a construção de um ambiente comunitário, onde as atividades lúdicas ocorrem de maneira integrada às práticas cotidianas no espaço coletivo. O cenário reflete uma transição gradual do processo de urbanização da paisagem, onde elementos tradicionais convivem com indícios incipientes de infraestrutura e integração urbana.

Figura 44: Fotocolagem representativa do retrato temporal dos entrelugares que compõem a Rua Santa Sofia, Cenário 3 - Consolidação da Urbanização.

Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.



Cenário 4 - Expansão e Desafios Infraestruturais

Na década de 2020, a Rua Santa Sofia testemunha uma nova fase de desenvolvimento. As habitações evoluíram para estruturas de dois andares, enquanto a rua experimentou um estreitamento. A presença de alguns prédios no entorno indica uma tendência de expansão imobiliária. Apesar do acesso a serviços básicos existentes, as condições de pavimentação e acessibilidade ainda são precárias, evidenciando persistentes desafios de infraestrutura. A crescente presença de motocicletas, embora traga conveniências logísticas, é percebida como uma fonte de preocupação pelos moradores, representando uma alteração na serenidade que, historicamente, caracteriza o ambiente local.

As apropriações espontâneas representadas pela presença de cadeiras dispostas na calçada e crianças jogando bola na rua, em primeiro plano, evidencia a atmosfera de convivência comunitária. Essa descrição revela uma comunidade em transição, onde a urbanização é marcada por mudanças na tipologia das edificações, desafios na infraestrutura urbana e a preservação das relações de vizinhança.

Figura 45: Fotocolagem representativa do retrato temporal dos entrelugares que compõem a Rua Santa Sofia, Cenário 4 - Expansão e Desafios Infraestruturais.

Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.



Cenário 5 - Gentrificação e Deslocamento Social

Projetado para o ano de 2040, este cenário retrata as memórias de um futuro possível, a partir de uma dinâmica que sugere um processo de gentrificação já em curso na Rua Santa Sofia. A população originária enfrenta a pressão do mercado imobiliário, cedendo espaço para a implantação de edifícios de alto padrão. Muros altos com sistemas de segurança delimitam a paisagem, indicando uma perda da vitalidade urbana do espaço público.

O cenário revela os impactos sociais e espaciais da gentrificação, trazendo consigo mudanças substanciais na identidade da comunidade local, com ênfase em uma abordagem centrada na segurança e privacidade. Essa estrutura contribui para transformar a rua em um espaço predominantemente de passagem, indicando uma possível reformatação na dinâmica social. Contudo, apesar dos aspectos de “desenvolvimento urbano”, relatados na construção da paisagem, nota-se ainda a persistente negligência em relação a serviços básicos, o que reflete a complexidade dos desafios inerentes ao futuro urbano projetado pelos habitantes atuais.

Figura 46: Fotocolagem representativa do retrato temporal dos entrelugares que compõem a Rua Santa Sofia, Cenário 5 - Gentrificação e Deslocamento Social.

Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.



CAPÍTULO 5 - SUBJETIVIDADES

5.1 A DIMENSÃO SOCIAL

A dimensão social da paisagem diz respeito às interações sociais, às relações de poder e às práticas culturais que moldam e são moldadas pelos espaços que as pessoas habitam diariamente. Explora as maneiras como a comunidade se organiza, como as identidades são construídas e como as relações sociais são manifestadas e influenciadas pelos espaços cotidianos. Essa dimensão refere-se ao modo como a configuração espacial influencia a formação do tecido social, a construção de identidades individuais e coletivas.

Outro aspecto relevante são as variáveis sociais que influenciam os usos cotidianos, e compõem o perfil social dos habitantes, entre elas: renda, raça, gênero e faixa etária. A questão da renda e da raça são variáveis significativas na maneira como as pessoas acessam, usam e se sentem nos espaços públicos. A Rua Santa Sofia é caracterizada por uma comunidade de diversidade racial e de perfil

socioeconômico, em contraste com a homogeneidade do perfil dos habitantes do entorno. Isto representa desafios significativos em termos de representatividade e identidade, especialmente pela segregação espacial histórica e as desigualdades socioeconômicas que persistem neste território.

A questão do gênero e da faixa etária também são variáveis fundamentais para avaliar a maneira como as pessoas acessam, usam e se sentem nos espaços públicos. Nota-se que mulheres e homens possuem padrões distintos de uso do espaço público devido a questões de segurança, acesso a determinados serviços ou expectativas culturais. Na Rua Santa Sofia, nota-se uma disparidade desses usos cotidianos, considerando que há uma maior liberdade no uso desse espaço por pessoas do gênero masculino, principalmente durante o período noturno. Da mesma forma, diferentes faixas etárias têm necessidades e interesses específicos. Por exemplo, as crianças usam a Rua como um espaço lúdico e de exploração, enquanto os idosos se apropriam do espaço de forma limitada, para descanso e interação social, devido principalmente a ausência de acessibilidade urbana.

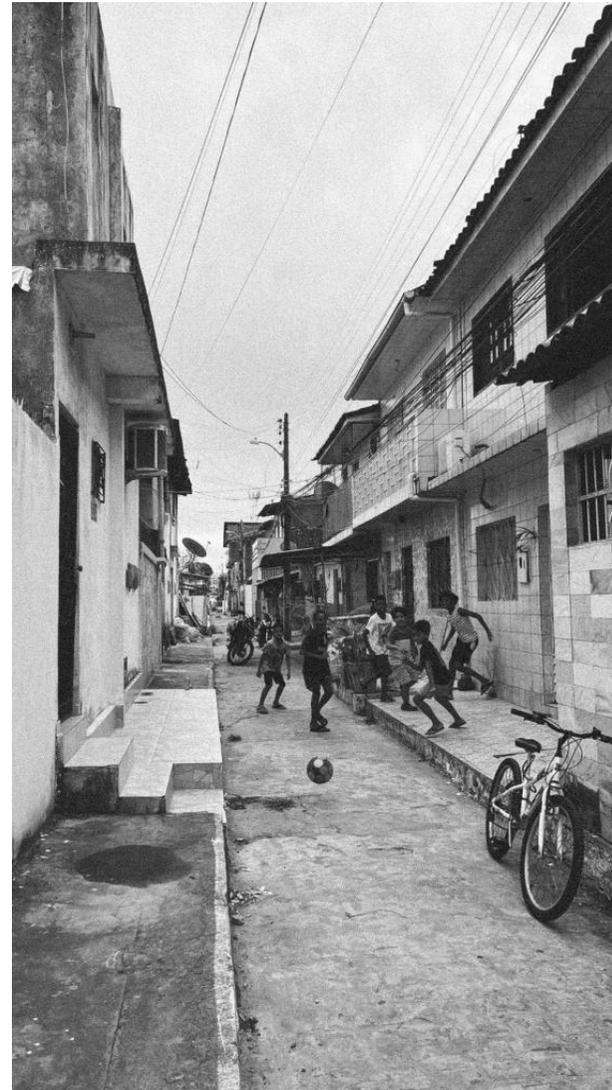
Primeiramente, observa-se na Rua Santa Sofia um cenário recorrente de interação social, onde os moradores engajam-se em conversas informais, enquanto estão sentados em cadeiras dispostas ao longo das calçadas. Essa prática contribui para o fortalecimento dos laços sociais, promovendo uma atmosfera convivial. Os diferentes usos e atividades que ocorrem ao longo da rua, as relações sociais que se estabelecem, entre as pessoas que habitam ou frequentam esse espaço, em determinado período do dia, ou até mesmo como essa dinâmica foi sendo transformada ao longo dos anos. As relações de vizinhança são moldadas por décadas de convivência e memórias compartilhadas.

Este contexto revela uma dinâmica complexa de interações sociais, destacando tanto as oportunidades quanto os desafios que caracterizam a vida comunitária. A coesão comunitária da Rua Santa Sofia também se manifesta em eventos tradicionais, nos quais a celebração compartilhada e a ausência da necessidade de convites evidenciam a força dos laços interpessoais (vide Entrevista 2, Apêndice).

Figura 47: Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, varal disposto na fachada.
Fonte: Rangel, 2023.



Figura 48: Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, criança jogando bola.
Fonte: Rangel, 2023.



A rotina diária na rua é evidenciada pela prática cotidiana de estender roupas sobre os varais, nas fachadas das casas (Figura 47), um gesto que transcende a mera necessidade funcional e adquire conotações simbólicas como expressão cultural de compartilhamento do espaço coletivo. Outra prática cotidiana é a interação espontânea das crianças, que encontram na rua um espaço propício para atividades lúdicas, como jogar bola e soltar pipa (Figura 48). Essa atividade contribui para a formação de habilidades sociais e a criação de laços de amizade. Em ocasiões festivas, a Rua Santa Sofia transforma-se em um local de celebração, onde mesas, cadeiras, bandeirolas e gambiarras são dispostas para acomodar eventos comunitários.

Em relação à diversidade de usos e vivências do espaço público, a Rua Santa Sofia apresenta uma dinâmica intensa, marcada pela subversão dos limites entre o público e o privado, o que dá relevo às apropriações espontâneas do espaço e a conexão entre as pessoas. Por fim, a abertura constante das portas e janelas das casas para a rua, contribui com a sensação de segurança, a partir da permeabilidade das fachadas, que reforça as relações de vizinhança existentes.

Além disso, a presença de pequenos estabelecimentos comerciais e de serviço adiciona uma outra função social à rua, sugerindo a consolidação de uma economia local na esfera doméstica (Figuras 49 e 50). Essa prática promove o aumento da circulação de pessoas, ao longo do eixo da via, e incentiva a interação contínua entre os membros da comunidade e os transeuntes.

Em síntese, a Rua Santa Sofia destaca-se como um microcosmo social onde a interação cotidiana, práticas festivas, brincadeiras infantis e a abertura constante das casas para a rua, convergem para criar uma ambiência comunitária, rica em interdependências e relações sociais. Esses elementos contribuem para a construção de identidades comunitárias na referida localidade. Em conjunto, esses elementos ilustram a riqueza da vida urbana na Rua Santa Sofia. Cada atividade contribui para a tessitura de uma teia social que vai além das interações superficiais, caracterizando uma comunidade onde as relações interpessoais são cultivadas.

Figura 49: Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, comércio na janela.
Fonte: Rangel, 2023.



Figura 50: Registro fotográfico de práticas cotidianas na Rua Santa Sofia, atividade comercial na rua.
Fonte: Rangel, 2023.



Vale ressaltar que práticas tradicionais se fazem presente em eventos comunitários, onde festas são realizadas sem necessidade de convites, conforme relato de um dos moradores entrevistados, pois todos sabem que estão automaticamente incluídos nas celebrações. As confraternizações compartilhadas no espaço coletivo, ao longo do tempo, reforçam o vínculo entre os moradores, fortalecem o senso de pertencimento, e evidenciam as identidades locais.

Por outro lado, os desafios contemporâneos se apresentam por meio da apreensão quanto à expansão imobiliária no bairro, evidenciada pelo avanço da verticalização no entorno imediato (Figura 51 e 52). Essa tendência de ocupação e adensamento construtivo introduz uma nota de incerteza nos moradores, que expressam temores relacionados a um possível processo de gentrificação, provocado pelo deslocamento dos moradores de longa data para áreas mais periféricas da cidade. Este fenômeno, por sua vez, implica não apenas em uma transformação territorial do bairro, mas também no potencial impacto na coesão comunitária.

Figura 51: Registro fotográfico de edificação residencial na Rua Santa Sofia com prédio vertical no entorno, em segundo plano.

Fonte: Rangel, 2023.



Figura 52: Registro fotográfico de fachada com placa de “vende-se” na Rua Santa Sofia.
Fonte: Rangel, 2023.



Neste delicado equilíbrio entre tradição e desafios contemporâneos, a Rua Santa Sofia persiste como um enclave na Jatiúca, onde a potência do tecido social resiste às carências e aos problemas manifestos, perpetuando uma comunidade onde a amabilidade se manifesta no cotidiano. Quanto à dimensão social, as relações de vizinhança surgem como o principal agente catalisador da amabilidade urbana, que fomenta a apropriação do espaço cotidiano, fortalece a conexão entre as pessoas, e, sobretudo, promove a expressão da **alteridade** na paisagem local, enquanto atributo chave dos entrelugares.

Alteridade é um termo que tem origem no latim *alteritas* e se refere à qualidade, condição ou característica daquilo que é outro, diferente ou distinto. Essa noção está frequentemente associada à ideia de reconhecer e respeitar a diversidade, a singularidade e a existência do outro, valorizando suas perspectivas, culturas, crenças e identidades. Portanto, conclui-se que revelar a expressão da alteridade nos espaços cotidianos é fundamental para construir sociedades mais inclusivas e justas, onde as diferenças são aceitas e valorizadas (Figuras 53, 54 e 55).

5.2 MAPEANDO INTERCONEXÕES E IDENTIDADES

Helena Antônia, 74 anos.

Helena Antônia, uma senhora de setenta e quatro anos, é a primeira moradora da Rua Santa Sofia. Ela se mudou para lá quando ainda era solteira, acompanhada por sua mãe e uma irmã. Ao longo dos anos, testemunhou a transformação do local, que inicialmente era cercado por coqueiros e mato. Helena e sua família escolheram morar naquele local devido às suas condições financeiras na época, adquirindo um pequeno terreno com seu salário de trabalho “em casa de família”.

Apesar das limitações de infraestrutura, Helena aprecia viver na Rua Santa Sofia, principalmente pela comunidade unida e amigável que se formou ao longo dos anos. Ela destaca a presença de bons vizinhos e acredita que a rua é um lugar mais calmo, sem muita violência em comparação com outros locais da cidade. A rua, “estreitinha e movimentada” como descrita por ela, é o lar de Helena e seu filho mais velho, que moram juntos, e também da sua netinha, que regularmente vai visitá-la. Ela menciona a presença de muitas crianças na área, o que tornou a rua

ainda mais animada e movimentada, especialmente durante a noite.

Helena é reconhecida por sua personalidade “cabulosa” entre os vizinhos, mas, de acordo com ela mesma, é por uma boa causa. Ela se preocupa com a tranquilidade da rua e não hesita em intervir, quando há barulho excessivo durante a noite. Apesar de algumas desavenças passadas entre vizinhos, Dona Helena enfatiza que, atualmente, a convivência é harmoniosa. A maior mudança que Dona Helena observou, desde que chegou à Rua Santa Sofia, foi a evolução das casas, que eram inicialmente construídas em taipa e, ao longo do tempo, foram substituídas por estruturas de tijolos e cimento. Ela expressa o desejo de que a sua rua fosse um pouco mais larga para facilitar a passagem do carro do lixo pois, atualmente, enfrenta problemas com a coleta de resíduos sólidos na área. Helena destaca que o que mais gosta na rua é a paz, o sossego, a alegria compartilhada com seus vizinhos. Ela relata que, frequentemente, eles se reúnem para atividades coletivas, criando momentos de celebração e fortalecendo os laços comunitários.

Figura 53: Fotocolagem desenvolvida a partir do conteúdo da entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2023 por José Robson em frente a sua casa na Rua Santa Sofia (publicação autorizada).
Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.

"Fica tudo alegre, assim tudo junto,
Não tem nada de separação de
um pra outro não sabe?!"



José Robson, 60 anos.

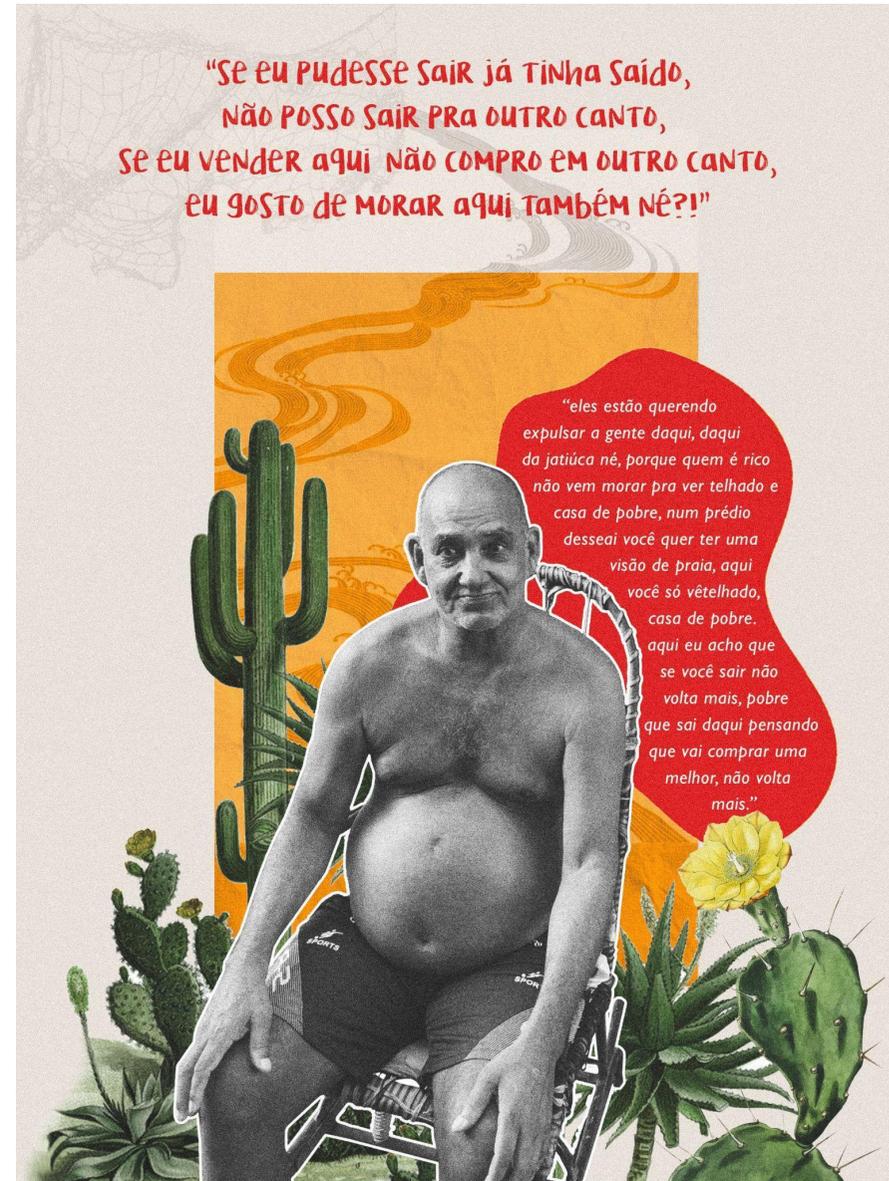
José Robson, um senhor com sessenta anos de idade, é um dos moradores mais antigos da Rua Santa Sofia. Ele chegou ao bairro aos cinco anos de idade, trazido pelos pais. Embora tenha uma ligação de longa data com o local, expressa um desejo de se mudar, se tivesse oportunidade. Atualmente, 'Seu' José mora com sua esposa, Cristina, que desempenha um papel ativo na comunidade como presidente da associação local. Ele observa e relata que o movimento na rua é constante, tanto de crianças quanto de adultos, criando uma atmosfera animada e comunitária. Portanto, destaca a ausência de violência no local. A rua serve como extensão das casas, onde as pessoas se reúnem, conversam e compartilham momentos. José descreve a vizinhança como uma grande família, enfatizando a ausência de conflitos entre os moradores.

Ao longo dos anos, José testemunhou poucas mudanças de infraestrutura significativas na rua, apontando para melhorias no saneamento básico, embora destaque problemas persistentes. Lembra que, inicialmente, as casas eram construídas de taipa, refletindo as condições econômicas da época. Questionado

sobre a crescente construção de prédios altos no bairro, José expressa preocupação com a possibilidade de deslocamento da população devido à valorização imobiliária. Ele percebe uma pressão para que os moradores deixem a área, uma vez que o perfil do bairro está mudando, com a chegada de construções mais modernas.

'Seu' José menciona a falta de infraestrutura, como a pavimentação adequada da rua, como uma mudança necessária, embora seja cético sobre o impacto positivo que isso traria. Para ele, o essencial é preservar a amizade e a solidariedade que caracterizam a comunidade da Rua Santa Sofia. O que mais aprecia é a atmosfera familiar e amigável que permeia o local. Mesmo apontando desafios e problemas a serem resolvidos, ele destaca a união e o companheirismo como elementos que tornam especial a vida na Rua Santa Sofia.

Figura 54: Fotocolagem desenvolvida a partir do conteúdo da entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2023 por José Robson em frente a sua casa na Rua Santa Sofia (publicação autorizada).
Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.



Carla Cristiane, 45 anos.

Carla Cristiane, uma mulher de quarenta e cinco anos, é também uma moradora antiga da Rua Santa Sofia. Ela chegou ao bairro com apenas três meses de idade e reside lá desde então. Sua decisão de morar na região foi influenciada pela escolha dos pais, que se mudaram para o local quando ela ainda era uma criança. Após o falecimento deles, ela decidiu permanecer morando na Rua Santa Sofia. Atualmente, Carla Cristiane compartilha sua residência com seu esposo e seus dois netos. Ela destaca a proximidade de comodidades - supermercado, shopping e a praia - como um dos motivos que a fazem gostar de morar na região. A localização privilegiada e a conveniência são fatores essenciais para ela.

A comunidade na Rua Santa Sofia é descrita pela Carla como uma grande família. Mesmo com o espaço apertado, as pessoas se movimentam, dando prioridade umas às outras. A rua é utilizada para estender roupas, para conversas na porta de casa e para a convivência diária entre os vizinhos. Carla destaca que, mesmo com a escassez de espaço, o respeito entre os moradores é evidente. Para Carla, o espaço da rua é mais movimentado nos finais de semana, quando as

pessoas aproveitam mais o tempo livre. Ela considera especial o fato de criar seus filhos, e ver seus netos crescerem, no mesmo lugar em que ela cresceu. A convivência e a tranquilidade são aspectos que tornam a Rua Santa Sofia um lugar especial para ela.

Ao longo dos anos, Carla testemunhou mudanças positivas na região, como a implementação de saneamento básico e melhorias nas condições de moradia. Ela recorda que, na infância, algumas casas eram feitas de barro e taipa, mas ao longo do tempo, as construções foram se desenvolvendo. Quando questionada sobre o que mudaria, ela aponta a pavimentação asfáltica como um ponto a ser melhorado para benefício de todos. No entanto, ela destaca que o que mais gosta na região são as casas, incluindo a sua própria residência e as dos vizinhos. A convivência entre os moradores é destacada também por Carla, que menciona que as celebrações, muitas vezes, são compartilhadas na rua, evidenciando a abertura das portas e a proximidade da comunidade.

Figura 55: Fotocolagem desenvolvida a partir do conteúdo da entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2023 por Carla Cristiane em frente a sua casa na Rua Santa Sofia (publicação autorizada).
Fonte: Compilação da autora, a partir de imagens coletadas no site Pinterest e acervo próprio, 2024.

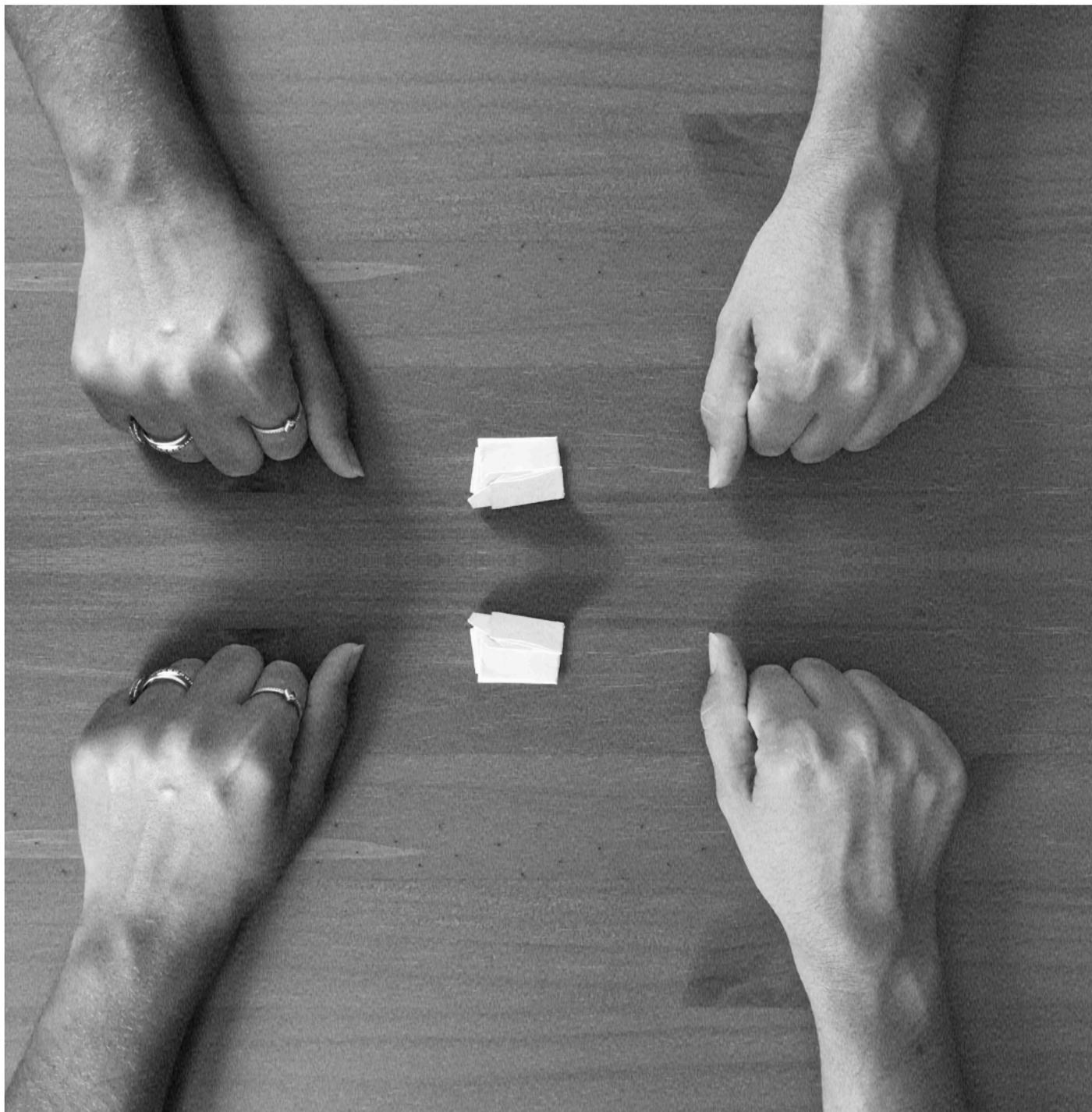
“é quase que NEM uma família aqui,
Todo mundo é uma família,
VIZINHANÇA ANTIGA...”

“é especial
aqui, minha
residência que é
própria, ver meus
netos crescer aqui,
meus filhos todos
cresceram aqui, e
sempre está na
convivência.”



Figura 56: Registro fotográfico de um papel em branco dobrado com mãos fechadas ao lado, uma síntese gráfica e simbólica do processo de encerramento desta etapa da pesquisa, a conclusão.

Fonte: Rangel, 2021.



CONCLUSÃO

O entrelugar, aqui definido como unidade de paisagem efêmera, é caracterizado por sua capacidade de diluir fronteiras, e promover conexões entre diferentes lugares e pessoas. Ou seja, é o espaço cotidiano onde a amabilidade urbana se manifesta. Logo, a amabilidade urbana pode ser compreendida como uma qualidade intrínseca dos entrelugares. Essa perspectiva aborda, tanto o aspecto conceitual, quanto a aplicação prática desse fenômeno, a partir de práticas cotidianas. Ou seja, a categoria de espaço amável - entrelugar - é caracterizado por sua natureza de liminaridade, transitoriedade e alteridade, destacando-se pela capacidade de aproximar os sujeitos e promover a conexão entre eles.

Portanto, para investigar os entrelugares foi necessário uma análise qualitativa que considerou suas várias dimensões como partes integrantes de um todo complexo. Ao reconhecer e explorar as particularidades e as interações entre as dimensões espaciais, temporais e sociais foi possível avançar na compreensão da potencialidade dos entrelugares para a manifestação da amabilidade urbana.

A dimensão espacial dos entrelugares abarca os elementos construídos e as relações constituídas a partir dele, que integram as outras dimensões, temporal e social. É necessário realizar uma análise detalhada da arquitetura e do ambiente construído dos entrelugares. Isso inclui examinar a disposição dos espaços, a interação entre elementos arquitetônicos e naturais, bem como os vestígios históricos ou culturais incorporados às suas estruturas.

A dimensão temporal dos entrelugares refere-se à análise da transformação da paisagem, a partir da escavação das diferentes camadas históricas, que se acumulam ao longo do tempo. Isso inclui investigar as mudanças diárias, ao longo dos anos e de períodos históricos, considerando os eventos significativos que moldaram esses espaços. Compreender a dimensão temporal dos entrelugares permite contextualizar sua relevância no âmbito territorial, bem como sua capacidade de adaptação às mudanças sociais e culturais.

A dimensão social dos entrelugares envolve a análise das interações humanas e das dinâmicas sociais que ocorrem nesses espaços. Isso requer a

identificação e o estudo das comunidades ou grupos, que frequentam ou habitam os entrelugares, bem como suas práticas, rituais e relações. Além disso, a análise das narrativas e histórias compartilhadas pelos indivíduos que ocupam esses espaços é crucial para compreender como os entrelugares se tornam significativos em termos sociais.

Dessa forma, é importante destacar que essas dimensões da paisagem não existem de forma isolada. Pelo contrário, elas se entrelaçam e interagem entre si, formando camadas superpostas e indissociáveis de significado e complexidade. A abordagem metodológica adotada possibilitou a captura dessa interdependência, permitindo uma análise das dinâmicas cotidianas dos entrelugares. Neste contexto, uma abordagem qualitativa foi essencial para desvendar as nuances e interações presentes nesses locais. Os entrelugares são unidades de paisagem que transcendem categorizações simples, são pontos de convergência, onde várias realidades se entrecruzam.

Ressalta-se que a escassez da aplicação do termo “entrelugar” para definir um determinado arranjo espacial, foi identificada como uma lacuna de

pesquisa, o que justifica a (re)construção desse conceito. Dessa forma, o intuito aqui é refletir sobre as especificidades teóricas desse conceito, e, sobretudo, alargar o debate sobre os atributos-chaves dos entrelugares, enquanto espaços amáveis na cidade, de modo a contribuir para redução de possíveis lacunas epistêmicas.

Esta dissertação propõe uma análise das dinâmicas cotidianas da Rua Santa Sofia, situada no bairro da Jatiúca, em Maceió, Alagoas, sob a perspectiva do direito à cidade. A pesquisa gravita sobre os entrelugares presentes nesse contexto específico, destacando sua importância na compreensão da produção e apropriação espontânea do espaço urbano pelos seus habitantes. Portanto, a partir do desdobramento desse conceito de entrelugar, a pesquisa cumpre com o seu objetivo geral de reconhecer e revelar esses territórios como potenciais para a manifestação da amabilidade urbana, na dimensão do cotidiano. E, sobretudo, com seus objetivos específicos a partir da análise das dinâmicas cotidianas da Rua Santa Sofia.

Diante da análise contextual da Rua Santa Sofia, constata-se que a amabilidade urbana é manifestada nos entrelugares, através de agentes catalisadores distintos, em cada uma de suas dimensões da paisagem, revelando assim os atributos-chaves desses espaços amáveis. Nos entrelugares, a interseção desses atributos-chaves - liminaridade, transitoriedade e alteridade - desempenha um papel importante na manifestação da amabilidade urbana, considerando as práticas cotidianas (Figura 57).

No âmbito espacial, a **liminaridade** emerge como atributo-chave dos entrelugares, por meio das interfaces rua-casa e rua-bairro, desafiando as fronteiras convencionais entre os domínios público e privado, e os limites informal e formal, como descrito no Capítulo 3 - Espacialidades. No que concerne à dimensão temporal, a **transitoriedade** é reconhecida como atributo-chave, revelada por meio das narrativas de uma paisagem que se transforma, ao longo do tempo, e consolida as camadas de significância, na memória coletiva dos habitantes, conforme documentado no Capítulo 4 - Temporalidades. Quanto à dimensão social, a expressão da **alteridade** na paisagem é o principal atributo

chave dos entrelugares, que se revela por meio das relações de vizinhança que fortalecem a conexão entre os sujeitos e o espaço, conforme registros do Capítulo 5 - Subjetividades.

Figura 57: Quadro síntese dos elementos que compõem o processo de manifestação da amabilidade urbana no entrelugar.

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

ELEMENTOS QUE COMPÕEM O PROCESSO DE MANIFESTAÇÃO DA AMABILIDADE URBANA NO ENTRELUGAR			
dimensões da paisagem	aspectos territoriais	agentes catalisadores	atributos do entrelugar
espacial	ruptura do tecido urbano	interfaces	liminaridade
temporal	usos cotidianos	atividades	transitoriedade
social	relações de vizinhança	pessoas	alteridade

Isto posto, conclui-se que a Rua Santa Sofia é um lugar, situado na cidade de Maceió, que contém entrelugares, onde a amabilidade urbana se manifesta no cotidiano. Esses espaços amáveis são símbolos tangíveis da complexidade da vida urbana e das práticas cotidianas que, apesar das carências e dos problemas de infraestrutura, são posicionados aqui como uma oportunidade latente. Cumpre ressaltar que não se busca aqui a romantização da condição

inerente a tais territórios, mas sim evidenciar que, mesmo diante da ostensiva condição de segregação socioespacial, a amabilidade urbana se manifesta nesses entrelugares.

O reconhecimento desses entrelugares como agentes ativos na tessitura da cidade, implica, por conseguinte, uma mudança de paradigma no planejamento urbano, que reflete a necessidade de incorporar os elementos revelados, nesta pesquisa, nas práticas de desenvolvimento urbano, a fim de promover uma abordagem integrada que contemple não apenas a estética e a funcionalidade, mas também perpassa a dimensão afetiva e relacional dos espaços urbanos. Ao considerarmos os entrelugares como elementos importantes na interação entre as pessoas e o ambiente construído, emergem oportunidades para a criação de políticas e práticas urbanísticas que fomentem a convivência, a diversidade e a coesão social.

Pois, como habitantes de entrelugares, acredita-se que podemos produzir cidades que contribuam com outras perspectivas e visões para a cidade. É isso que se entende, como a possibilidade latente desse discurso, em consolidar

tal perspectiva, através do diálogo com as outras áreas do saber, relacionando diferentes caminhos, ideias e experiências na busca por uma prática integrada entre planejamento e desenho urbanos.

Em última análise, as lições dos entrelugares, enquanto espaços potenciais para a manifestação da amabilidade urbana no cotidiano, emergem como uma tática para o desenvolvimento de cidades mais amáveis, a partir de um saber entrelaçado com o cotidiano. Portanto, um saber que nasce de uma experiência situada, significa que o pensamento, o processo teórico aqui construído não é abstrato, nem indiferente, mas está situado na própria experiência prática.

Ao término deste trabalho, é possível inferir que os entrelugares desempenham um papel na transformação e no desenvolvimento das cidades contemporâneas. Esta investigação oferece contribuições para a compreensão e valorização desses espaços amáveis, como agentes ativos na configuração das cidades. A análise da Rua Santa Sofia, como um lugar que contém entrelugares, revela não apenas sua potência simbólica, no âmbito espacial, mas também sua

resistência social e influência temporal, no contexto histórico do processo de transformação da paisagem urbana de Maceió.

No entanto, ao questionar "Espaço amável? Para quem?", apresento os futuros possíveis desta pesquisa que poderão desvelar outras nuances da amabilidade urbana nos entrelugares. Reconheço que a amabilidade urbana não é uniforme e que sua manifestação varia de acordo com os contextos socioculturais e econômicos. Portanto, uma análise interseccional mais aprofundada da manifestação da amabilidade urbana nos entrelugares, bem como um estudo acerca da tipologia dos entrelugares da cidade de Maceió, é um desdobramento possível. Tal análise poderá se basear em uma abordagem que considera como os diferentes grupos sociais experimentam e reivindicam os entrelugares, visando promover uma compreensão mais abrangente e inclusiva das necessidades urbanas contemporâneas.

Por fim, a produção do conhecimento desta pesquisa, em um contexto específico e de uma política de localização, assume uma posição de tencionamento, frente às estruturas oligárquicas que produzem as formas

hegemônicas de ocupar a cidade. A expectativa é que as contribuições desta pesquisa possam inspirar ações concretas, por parte dos agentes envolvidos nas esferas do desenho e planejamento urbanos. E, mediante a integração efetiva entre a teoria e a prática, poder vislumbrar um futuro urbano que celebre a diversidade, promova a inclusão social e, sobretudo, crie espaços que possam evidenciar a condição do entrelugar na cidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. Dobras Deleuzianas, Desdobramentos de Lina Bo Bardi. Considerações sobre “desejo” e o “papel do arquiteto” no espaço projetado. *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 146.01, Vitruvius, jul. 2012 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4422>>.

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas: Papirus Editora, 1994.

BENJAMIN, W. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BRENNER, N. *New state spaces: Urban governance and the rescaling of statehood*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

CASTRO, E. V. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CASTROGIOVANNI, A. C. Lugar, No- -Lugar y Entre-Lugar: los angulos del aspectos turísticos. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, v.16, p.5-25, 2007.

CAPELATO, R., HECK, M. A. O que te leva para o espaço público?. In: CUESTA, M; GONZÁLEZ, F; STEGMAYER, M. (org.) *Actas del VI Simposio de la Red Latinoamericana de estudios sobre Imagen, Identidad y Territorio: escenarios de inquietud : ciudades, poéticas, políticas*. Departamento de Publicaciones de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires. Instituto de Investigaciones Gino Germani - UBA, 2016.

CHASE, J.; CRAWFORD, M.; KALISKI, J. (Ed.). Everyday urbanism. Nova York: The Monacelli Press, 1999.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CULLEN, G. Paisagem urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (publicado inicialmente em 1961).

FERRAZ, C. B. Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 15-31, 1º semestre de 2010.

FONTES, A. S. Intervenções Temporárias Marcas Permanentes: A Amabilidade nos Espaços Coletivos de Nossas Cidades. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2011.

GEHL, J. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, J, KOCH, J. Life Between Buildings: Using Public Space. Washington, DC: Island Press, 2011.

GEHL, J., SVARRE, B. A vida na cidade: como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2018.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

GUATELLI, I. Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo, Senac, 2012.

TEIXEIRA, H. Impasses da cultura: Crítica da cultura no Brasil pós-moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Tradução. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade. Tradução T. C. Netto. São Paulo: Documentos, 1969.

LYNCH, K. A theory of good city form. Cambridge: MIT Press, 1981.

LYNCH, K. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1982 (publicado inicialmente em 1960).

MARICATO, E.. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias- Planejamento urbano no Brasil. In ARANTES, O., MARICATO, E., VAINER, C. A cidade do pensamento único. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4a edição. Rio de Janeiro: EDUFF, 2017.

PINTO, J. C. B. Arquitetura e "lugar": edifícios, interstícios e espaço urbano. Tese (doutorado em arquitetura e urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2014.

ROLNIK, R. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

ROLNIK, R. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 423.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In Uma literatura nos trópicos. São Paulo: Perspectiva, 1989.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, M. A urbanização brasileira. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SERRES, M. Atlas. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SILVA, J. M. P. da. As unidades de paisagem como método de análise da forma urbana: reflexões sobre sua incorporação pelo campo disciplinar da arquitetura e urbanismo. Cadernos Proarq, nº 20. Rio de Janeiro, 2013.

SITTE, C. A Construção das Cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, M. L. (2002). Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SOJA, E. W. Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell Publishers. 1996.

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R. (org.) O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: EdUSP, 1999. p. 169 – 243.

WHITE, W. H. The social life of small urban spaces. Washington: The Conservation Foundation, 1990.

JUNQUEIRA DOS SANTOS, Carolina. CORPO, LACUNA, TRAÇO, 2020. Disponível em: <<https://corpo-lacuna.squarespace.com/>>.

PINTEREST, Disponível em: <<https://br.pinterest.com/#top>>.

APÊNDICE

Neste apêndice, apresentamos as transcrições das entrevistas realizadas como parte da pesquisa conduzida para esta dissertação. As transcrições incluídas aqui representam uma parte significativa do material primário coletado durante a fase qualitativa desta pesquisa. Cada entrevista foi cuidadosamente conduzida e registrada para garantir precisão e fidelidade às respostas dos participantes.

Na análise desta dissertação, os dados e informações provenientes dessas entrevistas foram utilizados para identificar temas, padrões e insights relevantes para a compreensão e discussão dos resultados obtidos. As transcrições fornecem um contexto mais detalhado e uma visão direta das vozes dos participantes, contribuindo para uma análise das questões abordadas neste estudo.

É importante ressaltar que as transcrições foram apresentadas de forma a preservar a autenticidade das respostas dos participantes, mantendo a estrutura das perguntas e respostas, conforme foram realizadas durante as entrevistas. A inclusão dessas transcrições neste apêndice visa proporcionar aos leitores uma visão abrangente do processo de coleta de dados e das fontes primárias que embasam os argumentos e conclusões apresentados ao longo desta dissertação. Agradeço sinceramente aos participantes que contribuíram com seus relatos e experiências para enriquecer este estudo.

As entrevistas semi-estruturadas buscam entender mais profundamente os atrativos locais, os conflitos existentes, bem como o grau de engajamento da comunidade, e o processo de formação e transformação da paisagem ao longo do tempo. As entrevistas foram realizadas com três moradores da Rua Santa Sofia, Jatiúca, no dia 9 de dezembro de 2023, (sábado, no turno vespertino), sendo um homem e duas mulheres, de 45, 60 e 74 anos de idade, respectivamente. Essa introdução tem o objetivo de fornecer um contexto sobre a natureza e a importância das transcrições das entrevistas incluídas neste apêndice.

QUESTIONÁRIO PADRÃO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA

- 1. Nome e Idade:**
 - Qual é o seu nome? E quantos anos você tem?
- 2. Você mora na Rua Santa Sofia? Há quanto tempo?**
 - Você mora na rua Santa Sofia? Por quanto tempo você mora aqui?
- 3. O que faz você gostar de morar aqui?**
 - O que você acha legal em morar aqui?
- 4. Por que você escolheu viver nesse lugar?**
 - Por que você decidiu morar aqui?
- 5. Como as pessoas se movimentam por aqui?**
 - Como as pessoas costumam se locomover por aqui?
- 6. Como você e seus vizinhos usam os espaços da comunidade?**
 - Como vocês utilizam os lugares aqui perto?
- 7. O que torna esse lugar especial para você?**
 - O que faz esse lugar ser especial pra você?
- 8. Quem você acha que mais se identifica com esse lugar?**
 - Quem você acredita que se sente mais conectado e à vontade aqui? Quem parece realmente gostar desse lugar?
- 9. Tem alguma confusão ou desentendimento entre as pessoas?**
 - Alguma vez aconteceu algo chato entre as pessoas daqui?
- 10. Você percebeu alguma mudança desde que chegou aqui?**

- Alguma coisa mudou desde que você chegou?
- 11. Se você pudesse, o que mudaria aqui?**
 - Se você tivesse o poder de mudar algo, o que seria?
 - 12. O que você gosta tanto que não mudaria de jeito nenhum?**
 - Tem alguma coisa que você adora aqui e não gostaria que mudasse?
 - 13. Como as pessoas se tratam por aqui? Vocês costumam se encontrar ou fazer coisas juntos?**
 - Como as pessoas se tratam aqui? Vocês costumam se ver ou fazer atividades juntos?

ENTREVISTA 1

Local: Rua Santa Sofia, Jatiúca.

Data: 9 de dezembro de 2023.

Entrevistada: Helena Antônia, 74 anos.

Pergunta (p): Qual é o seu nome e sua idade?

Resposta (r): Meu nome é Helena Antônia, tenho 74 anos.

p: Há quanto tempo você mora aqui?

r: Tá com 55 anos e vim morar aqui ainda era solteira, ainda nem era casada.

p: O que faz você gostar de morar aqui?

r: Porque eu não tenho condições de morar em outro canto, porque se eu vender essa aqui não vai dar pra comprar.

p: Você gosta de morar aqui?

r: Gosto, porque toda vida vivi aqui né, tenho meus vizinhos, né? Meus vizinhos foram chegando, graças a Deus tem aqui, são bons vizinhos.

p: Você foi a primeira moradora?

r: Fui.

p: Quando você veio morar aqui, o que tinha?

r: Só coqueiro e mato.

p: Você veio morar sozinha?

r: Vim morar com minha mãe e uma irmã minha, aí minha mãe e minha irmã tudo morreram. Aí chegou esse vizinho, depois foi chegando esse e depois foi chegando os outros.

p: E por que você escolheu morar aqui?

r: Porque as minhas condições só dava pra comprar esse terreninho aqui, porque eu trabalhava em casa de família, né?! E esse aqui, pelo meu salarinho que eu ganhava, dava pra comprar esse pequenininho, aí eu comprei.

p: Como as pessoas se movimentam aqui na rua?

r: Graças a Deus nós nos entendemos bem, sabe. Passa até muito menino (risos). Menino tem viu, minha filha?!

p: Tem muita criança?

r: Pra fazer zuada até uma hora, duas horas da manhã se for possível faz, criança tem um bocado, viu?! Antes não tinha não, mas minha filha agora... é por noite e dia. Não sei que milagre não tá aqui, é porque hoje é sábado! Uma mãe viajou com os filhos. Só essa aí tem dez filhos, minha vizinha. Um tem três, outro tem quatro, outro tem cinco.

r: No tempo dos meus meninos, só eu tinha dois, essa vizinha aqui tinha sete, esse aqui tinha dois, aquele tinha seis, e assim ia aqui.

p: Como os vizinhos usam esse espaço da rua?

r: É porque é muito estreitinha e aí a gente dá graças a Deus, se passar uma moto, uma coisa, a gente sempre tá aqui e fica com cuidado, porque no tempo da gente não passava muita moto, nem nada, mas agora tá com um movimento medonho de moto, entregador de pizza, quem come é? Os motoqueiros que trazem os pessoal, essas coisas. Muito movimento de moto. E cada um foi chegando tendo moto, esse tem moto, esse tem moto, aquele tem moto, aí esse vizinho tem moto e bicicleta e assim vai tendo. Meu neto tem uma bicicleta. E a rua tá assim movimentada. Graças a Deus. Ficou muito movimentada a Santa Sofia, agora só porque é estreitinha tem que ter cuidado.

p: E você mora com seu neto ou tem mais gente?

r: Meu neto mora aqui embaixo, mas eu e meu filho mais velho moramos aqui em cima.

p: O que você acha que tem de especial na rua Santa Sofia? O que tem de diferente dos outros lugares?

r: Minha filha, eu acho (cumprimenta o vizinho), uma parte eu digo assim, eu acho que seja uma rua que não tem muita violência, mais calma aqui essa parte, se nos outros pedaços se tem eu não sei, sabe?! Aqui, graças a Deus, é calmo, nós somos todos unidos e pronto.

p: Quem você acha que mais se identifica aqui com esse lugar? O morador que nunca sairia aqui da Santa Sofia...

r: Eita meu Deus, não sei. Essa é mais novata, aquela é mais novata, será que é meu vizinho Francisco?! Meu compadre...

p: Você acha que ele não sairia daqui de jeito nenhum?

r: Eu acho que sim... quer que eu chame ele?

p: Tem alguma confusão ou desentendimento entre as pessoas daqui? Entre os vizinhos...

r: Já teve, sabe, mas depois foi embora e tudo, aí agora graças a Deus nós não temos, a mais chata e mais cabulosa sou eu (risos).

p: Por que a mais cabulosa? (risos)

r: Porque arrego com os meninos, brigo quando tá de noite e quando vai fazer zuada aqui, "ô já tá na hora de ir pra sua casa e não sei o quê" (risos).

p: Você percebeu alguma mudança desde quando veio morar aqui? Como foram construindo as casas? O que mudou?

r: Mudou porque quando a gente chegou aqui sempre a casa era de palhinha,

como a minha foi logo, ou senão de taipa, depois foi mudando, fazendo de tijolo, né?! Tem umas ainda que é primeiro andar assim como a minha, essas coisas mudaram...

p: Se você pudesse, o que você mudaria aqui?

r: Era que ela ficasse mais larguinha pra o lixeiro passar, porque a gente tá tendo muito problema, o negócio é o lixo. Ainda bem que o rapaz da loja ali na esquina colocou uma lixeira, porque não tinha (cumprimenta a bisneta que chegou) "a vó tá dando uma entrevista".

p: O que você gosta tanto aqui que não mudaria?

r: A paz, o sossego, a alegria... os meus vizinhos, né?! (ruídos, latidos de cachorro)

r: É o gato da minha amiga.

p: Qual é o nome dele? Você sabe o nome do gato?

r: Sei não o nome dele, a gente chama de gatinho, mas ela sabe o nome dele.

p: Como as pessoas convivem aqui? Vocês costumam se encontrar para fazer atividades juntos?

r: Ah, sim, fim de ano, essas coisas, pronto. Aí junta todo mundo. Tem vez que um bota uma coisa, outro bota outra, aí bota tudo aqui, fica tudo alegre, assim tudo junto, não tem nada de separação de um para outro, não sabe?!

p: Obrigada pelo seu tempo e pela contribuição na minha pesquisa, D. Helena.

ENTREVISTA 2

Local: Rua Santa Sofia, Jatiúca.

Data: 9 de dezembro de 2023.

Entrevistada: José Robson, 60 anos.

Pergunta (p): Qual é o seu nome e sua idade?

Resposta (r): José Robson dos Santos

p: Você mora na rua santa sofia a quanto tempo?

r: Tem mais de cinquenta anos...

p: O que faz você morar aqui?

r: Eu sou obrigado, se eu pudesse sair já tinha saído, não posso sair pra outro canto, se eu vender aqui (aponta pra casa) não compro em outro canto, eu gosto de morar aqui também né?!

p: Por que você escolheu morar aqui?

r: Rapaz, eu não escolhi, foi meus pais, eu vim com cinco anos pra cá...

p: Como é que você percebe o movimento das pessoas aqui na rua?

r: O movimento aqui é dia e noite, tanto de criança como de adulto, aqui não para não. aqui a vizinhança é assim um não tem o outro tem, aí é assim mesmo que uma família. só não tem movimento aqui quando tã dormindo. mas horário pra dormir não tem, até meia noite uma hora da manhã ainda tem criança aqui na rua.

problema de violência não existe isso aqui. tem um briguinta ou outra quando tem festa que fica todo mundo alegre, cê sabe como é pobre né?! quando não vai pra apartar vai pra incentivar. (risos) mas é sempre tranquilo. violência não.

p: Como é que você e seus vizinhos usam esse espaço aqui?

r: Como você está vendo aqui, muitas cadeiras, todo mundo do lado de fora...

p: É a extensão da casa né?

r: É uma vizinhança né, um vem de lá outro vem de cá, aí onde junta dois, vai se reunindo e trocando assunto, tem pouca gente agora... e festa não precisa convidar.

p: E qual o horário que o pessoal costuma usar mais? e esse horário de fim de tarde?

r: É mais a tarde, de manhã a maioria tá fazendo as coisa em casa, outros trabalham, outros estudam né.

p: O que torna esse lugar especial pra você?

r: Especial, agora é uma coisa... não tem nada especial. final de ano se torna especial, porque durante o ano é isso aqui, não muda nada.

p: Quem você acha que mais se identifica com esse lugar? de todos os moradores

r: Ah minha esposa!

p: Quem é sua esposa?

r: Cristina é presidente daqui da associação, do que precisa é com ela, porque ela é membro da igreja, e tudo sobrecarrega ela. o que precisa de um conselho essas coisas vão pedir a ela, festa esse negócio de bolo evento, essas coisa tudo ele tá a frente. Então é ela mesmo!

p: Tem alguma confusão ou desentendimento entre os moradores daqui?

r: Entre os vizinhos não, é mais gente que vem de fora, que entra com cachaça, essas coisas, bebida... com a animação. mas violência não tem não.

p: Você percebeu alguma mudança desde quando chegou aqui com cinco anos? o que foi que mudou?

r: Mudança que teve aqui? nada! aqui era o esgoto, fez o saneamento mas ficou pior do que tava, tem entupimento em todo lugar... você já andou na rua deve ter visto como é. isso aqui é tudo vazamento de saneamento, quando entope em uma casa aqui é areia embaixo, aí faz isso aqui... mudança não teve nada, até hoje continua pior do que era.

p: E essas casas como eram? quando você chegou já tinham todas elas ou foram construindo aos poucos?

r: Não, aí tudo foi construído depois

p: Qual foi a primeira? na sua memória, como você lembra que era?

r: Essa aqui a minha, a segunda foi outra a quinta a direita ali que era de taipa, aqui era tudo casa de taipa, meu pai era pescador e minha mãe era doméstica,

lava roupa pra fora, então era o que podia construir, era de taipa. quando veio construir aqui, veio aparecendo a vizinhança, porque os terrenos aqui eram tudo barato, e o pessoal ainda comprava à prestação, hoje você não pode comprar um terreno mais aqui, mas antes era taipa e foi crescendo, a maioria aqui era tudo os irmãos, família...saiu espalhando, aí pronto. Dalí da esquina até aqui é praticamente tudo família, é só isso que eu lembro.

p: Como é que você vê a crescente construção de prédios altos no bairro? você acha que vai mudar alguma coisa aqui com o tempo?

r: Já mudou, porque eles estão querendo expulsar a gente daqui, daqui da jatiúca né, porque quem é rico não vem morar pra ver telhado e casa de pobre, num prédio desse ai você quer ter uma visão de praia, aqui você só vê telhado, casa de pobre. aqui eu acho que se você sair não volta mais, pobre que sai daqui pensando que vai comprar uma melhor, não volta mais.

p: Se você pudesse, o que você mudaria aqui?

r: Se eu pudesse eu mudaria tudo! (risos)

p: O quê, por exemplo?

r: Asfaltar a rua, antes da eleição disseram que ia asfaltar. porque praticamente essa rua não existe, antes ainda passava um carro, hoje é arriscado nem passar um moto. ah eu queria só ajeitar essa rua só.

p: Se asfaltar a rua, você não acha que vai começar a passar mais moto e aumentar o fluxo de veículos não?

r: Não, mas aqui tem muita gente pra botar quebra mola, mas é só pra melhorar esse buraco aqui, você vê que não tem caída de água, quando chove aqui vira um riacho, as calçadas assim são tudo alta porque alaga aqui. Não tem caída de água e as boca de lobo tudo são entupidas. E aqui tem muita gente que deixa o lixo uma semana na porta, pensando que vai passar o carro aqui na porta. Você tem que pegar toda tarde e colocar o lixo na esquina, e tem uns que pegam a vassoura no fim da tarde pra limpar a rua. É só isso mesmo, os pequeno problema são esses grande.

p: O que você gosta daqui que você não mudaria de jeito nenhum?

r: A amizade, a amizade aqui é mesmo que ser família. um tá doente, ajuda o outro e a gente não tem frescura com se diz, a tarde é assim conversando, quando um precisa o outro ajuda, é família.

p: Como que as pessoas se tratam aqui? Vocês costumam fazer festa juntos, confraternizar?

r: Cada um faz a sua, e aqui só tem um problema, não precisa convidar, você já tá convidado antes de pensar, aqui não tem isso de fazer convite não, só basta avisar a um, e ele sai falando com um falando com outro, nem aniversário nem casamento, o que tiver não precisa convidar não. É só avisar, vai ser tal dia e pode esperar que vai encher sua casa!

p: Obrigada pelo seu tempo e contribuição com meu trabalho, Sr. José!

ENTREVISTA 3

Local: Rua Santa Sofia, Jatiúca.

Data: 9 de dezembro de 2023

Entrevistada: Carla Amaral, 45 anos.

Pergunta (p): Qual é o seu nome e sua idade?

Resposta (r): Cristiane Amaral dos Santos, 45 anos

p: Você mora na Santa Sofia há quanto tempo?

r: 45 anos, cheguei com três meses de nascida

p: O que faz você gostar de morar aqui?

r: É perto de tudo, perto do Gbarbosa, perto da praia, perto de tudo... a localização é boa!

p: Por que você escolheu viver nesse lugar?

r: Através dos meus pais né?! porque eles vieram pra cá e depois faleceram e eu continuei morando aqui.

p: Você mora com quem aqui?

r: Eu, meus dois netos e meu esposo.

p: Você tem foto antiga aqui da rua? De como era antes...

r: Não, não tenho.

p: Como é que as pessoas se movimentam por aqui?

r: É bem apertadinho mas se movimentam, né?! Um dando prioridade ao outro pra passar e tá tudo certo. É quase que nem uma família aqui, todo mundo é uma família, vizinhança antiga...

p: Como você e seus vizinhos utilizam o espaço da rua? Como você descreveria os usos desse espaço para alguém que não conhece?

r: A gente estende as roupas ali do lado de fora, quando um tá na porta e outro quer passar ele sai do lugar, vai dando prioridade às pessoas, ficamos sempre na porta também conversando. É um lugar tranquilo.

p: Qual é o horário que vocês mais usam aqui esse espaço da rua? De manhã, de tarde, fim de semana...

r: Rapaz, aqui todo dia tem gente mas é mais movimento no final de semana.

p: O que torna esse lugar especial pra você?

r: Especial aqui, minha residência que é própria, ver meus netos crescer aqui, meus filhos todos cresceram aqui, e sempre estar na convivência.

p: Quem você acha que aqui dos moradores mais se identifica com esse lugar? Quem é o morador que não sairia daqui por nada?

r: Minha vizinha Ana, ela não sai daqui por nada não viu?! (risos)

p: Tem alguma confusão ou algum desentendimento entre as pessoas aqui?

r: Não, tranquilo demais.

p: Você percebeu alguma mudança desde quando você chegou aqui?

r: É mudou, porque antigamente era esgoto correndo aqui a céu aberto, agora tem saneamento, tem caixa de gordura, tem água, tudo certo.

p: Como eram as casas aqui? Você tem essa memória?

r: Foram construindo aos poucos, na minha infância eu lembro que essa aqui era de barro de taipa, que eu lembro assim pouco coisa.

p: Se você pudesse, o que você mudaria aqui?

r: O que eu mudaria aqui? Acho que o asfalto feio. Melhoraria para as pessoas aqui

p: O que você tanto gosta daqui que não mudaria de jeito nenhum?

r: Não sei, as casas... a minha casa e as casa do meus vizinho.

p: Como as pessoas se tratam por aqui? Vocês costumam se encontrar e fazer coisas juntos?

r: Sempre, é tão provável que come, janta tudo na rua, tudo junto aqui. Tudo compartilha, porta sempre aberta.

p: Carla, muito obrigada pelo seu tempo e contribuição com meu trabalho.